

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO SOCIAL**

**HOSTILIDADES NAS REDES SOCIAIS: ANÁLISE DAS DINÂMICAS
DE LINCHAMENTO VIRTUAL A PARTIR DE DOIS CASOS DE
FEVEREIRO DE 2016**

Renato Paredes Alves

Porto Alegre - RS

2016

HOSTILIDADES NAS REDES SOCIAIS: ANÁLISE DAS DINÂMICAS DE LINCHAMENTO VIRTUAL A PARTIR DE DOIS CASOS DE FEVEREIRO DE 2016

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS como requisito básico para a conclusão do Curso de Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda.

Orientadora: Maria Berenice da Costa Machado

Porto Alegre - RS

2016

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora, Maria Berenice, que com muita paciência e consideração aceitou ser a minha guia neste estudo, ajudando-me em todas as ocasiões, dentro e fora das horas habituais, dia e noite. Sempre dedicada e sempre atenciosa, não poderia concluir este trabalho em tempo sem sua vigília constante, a que sou muito grato.

Agradeço também à minha namorada Jéssica, que dividiu comigo as horas de estudo, de pesquisa, de nervosismo e de insegurança, acompanhando de perto todo o processo. Sou imensamente feliz e sortudo por ter como companheira alguém tão amorosa e especial, parceira para todas as situações e que aconteça o que acontecer sei que a terei sempre ao meu lado.

Finalmente um obrigado aos meus pais e amigos por me ajudarem nas horas difíceis e por serem tão compreensivos com meu desaparecimento e comportamento errático durante a produção deste estudo. Tenho certeza que valeu a pena.

RESUMO

As redes sociais são frequentemente palco de todo tipo de interação social, entre elas as hostis. Este estudo analisa a prática dos conflitos nas redes sociais à luz da Sociologia e da Comunicação, considerando que essas hostilidades podem se transformar em linchamentos no ambiente virtual. A metodologia da parte empírica se constitui a partir do recorte e análise de sequências textuais encontradas em publicações na plataforma Facebook que causaram polêmica. Como este trabalho aborda fenômenos sociais como conflitos e humilhações públicas, recorreremos ao método de análise de conteúdo para analisar os comentários produzidos sobre dois casos de “linchamento virtual” dentre os que ocorreram em fevereiro de 2016, observando seus conflitos internos em contraste com elementos de controle social. Esta análise envolve olhar para as hostilidades virtuais como expressão de valores e símbolos culturais.

Palavras-chave: linchamento virtual, controle social, redes sociais, hostilidade na internet, análise de conteúdo.

ABSTRACT

Social networks are frequently used as a space for all kind of social interaction, including the hostile ones. This work analyzes the practice of moral persecution in the social media using sociology and social communication, using the analysis of textual sequences from Facebook posts marked by controversies. As this research addresses phenomena like social conflict and public shaming, the method of content analysis was chosen to evaluate a number of comments produced in two cases of cyberbullying from February 2016, observing their inner conflicts in contrast with elements of social control. This study propose an insight about online hostilities as a way for expressing values and cultural symbols.

Keywords: cyber-lynching, social control, social networks, online harassment, content analysis.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Print screen do evento para o fechamento do Bar.	19
Figura 2 - A foto considerada racista.	20
Figura 3 - Publicação de Juliana Reis	21
Figura 4 - Reação contra Fernanda Torres no twitter.	21
Figura 5 - Reações sobre o protesto no Colégio Anchieta.	22
Figura 6 - A publicação de Juliana Reis.	25
Figura 7 - Juliana Reis: curtidas, comentários e compartilhamentos.	26
Figura 8 - Júlia Velo: curtidas, compartilhamentos e comentários	34
Figura 9 - Quitandinha Bar: curtidas, compartilhamentos e comentários.	34
Figura 10 - Júlia Velo: Publicação Completa.	35
Figura 11 - Resposta do Quitandinha Bar e vídeo.	37

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Quadro textual de Juliana Reis.	27
Quadro 2 - Quadro de Análise dos Comentários Negativos (Juliana Reis).	28
Quadro 3 - Quadro de Análise dos Comentários Positivos (Juliana Reis).	30
Quadro 4 - Quadro textual de Júlia Velo.	36
Quadro 5 - Quadro textual do Quitandinha Bar.	38
Quadro 6 - Quadro de Análise dos Comentários Negativos (Júlia Velo).	40
Quadro 7 - Quadro de Análise dos Comentários Positivos (Júlia Velo).	41
Quadro 8 - Quadro de Comparação entre os casos estudados.	45

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1 - Juliana Reis: Publicação na Íntegra.	54
Anexo 2 - Comentários NEGATIVOS Mais Curtidos (Juliana Reis).	55
Anexo 3 - Comentários POSITIVOS Mais Curtidos (Juliana Reis).	56
Anexo 4 - Primeira postagem do Quitandinha Bar (Júlia Velo).	57
Anexo 5 - Segunda postagem do Quitandinha Bar (Júlia Velo).	58
Anexo 6 - Terceira postagem do Quitandinha Bar (Júlia Velo).	59
Anexo 7 - Comentários NEGATIVOS Mais Curtidos (Júlia Velo).	60
Anexo 8 - Comentários POSITIVOS Mais Curtidos (Júlia Velo).	61

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. UNIVERSO VIRTUAL E CONFLITOS SOCIAIS	4
2.1.1. O Ambiente Virtual	5
2.1.2. A Comunicação Digital.....	6
2.1.3. Conexões, Redes e Atores Sociais.....	7
2.2. CONFLITOS SOCIAIS NA INTERNET	8
2.2.1. Conflitos, Violência e Controle Social	8
2.2.2. Vergonha, Assédio e Linchamentos	11
2.2.3. Violência como expressão	13
3. HOSTILIDADE NAS REDES SOCIAIS: ESTUDO DE DOIS CASOS	17
3.1. Metodologia da parte empírica.....	17
3.2. Fevereiro, mês de hostilidades	18
3.2.1. JULIANA REIS E O PESO DE SER MÃE	25
3.2.2. JÚLIA VELO E A ACUSAÇÃO DE ASSÉDIO	32
3.3. Comparações entre os dois casos	44
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
5. REFERÊNCIAS	53

1. INTRODUÇÃO

Em 2016, um acontecimento atraiu a atenção de pessoas de todo o país, causando polêmica e instigando diversos debates na sociedade brasileira. Uma jovem mulher chamada Júlia Velo fez uma publicação em sua página pessoal do Facebook denunciando um caso de assédio que teria sofrido dentro de um bar em São Paulo, e expondo o estabelecimento como negligente da agressão que teria sofrido. Sua ação foi recebida com polêmica, despertando comentários hostis ao estabelecimento comercial e uma grande discussão a respeito do acontecimento. Tanto Júlia quanto o bar se tornaram vítimas de assédio, xingamentos e ameaças pela internet nos dias, semanas e meses seguintes. A reação das pessoas nas redes sociais foi de ultraje conforme mais evidências sobre o caso ganhavam destaque no que foi descrito por jornais como um *linchamento virtual*¹.

O caso de Júlia Velo representa um tipo de fenômeno recente de interação entre pessoas no universo digital. Linchamento virtual é uma expressão que tem sido cada vez mais usada para descrever as hostilidades e polêmicas ocorridas na internet. E a quantidade de linchamentos parece aumentar se observarmos o noticiário. Talvez deva-se à opinião pública estar se tornando mais sensível a esses episódios, talvez por vivermos em uma época de convulsão social. Nos referimos aqui aos ataques espontâneos à imagem de indivíduos na forma de difamações e calúnias repetidos em larga escala, com organização descentralizada e dinâmica, a ponto dessas hostilidades se tornarem notícia na mídia nacional² e internacional³.

Considerando ainda pequeno o número de estudos sobre o tema, desejamos contribuir para a reflexão, pois as constantes inovações tecnológicas e digitais trazem à tona novas faces para a expressão social, de modo que para profissionais

¹ Como na matéria do Pragmatismo Político sobre o ocorrido, acessado em 15/06/2016: <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2016/02/bar-quitandinha-o-assedio-as-reacoes-e-a-licao-que-fica.html>

² Como matéria publicada na Folha de S. Paulo, dia 24/04/2015, acessada dia 13/06/2016: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/04/1620518-redes-sociais-empoderam-individuos-mas-viram-nova-praca-de-linchamento.shtml>

³ Como matéria publicada no El País, dia 28/03/2016, acessada dia 13/06/2016; http://brasil.elpais.com/brasil/2015/03/27/tecnologia/1427463790_681602.html

da comunicação é indispensável o contínuo esforço para estudar e aprender como estas relações ocorrem. Nesta abordagem evitaremos realizar juízos de valor dos comportamentos relacionados às hostilidades, desejamos sim compreender as dinâmicas de um tipo muito específico de fenômeno social da internet.

Considerando que controle social e justiça são temas reveladores da realidade mais profunda de uma sociedade, e que nestes conflitos se faz presente uma dimensão dos valores de uma sociedade que oferece oportunidade única para estudo das relações sociais, estudaremos formas de conflitos contemporâneos, focando em uma nova espécie de controle social que tem se tornado mais e mais comum nos espaços virtuais: a ação de constranger, difamar e repudiar alguém publicamente como forma de punição por alguma ação ou comportamento considerado repreensível pelos agressores.

O **objetivo geral** deste trabalho é analisar as dinâmicas existentes nos *linchamentos virtuais* afim de reconhecer neles os mesmos elementos que constituem os linchamentos executados por multidões nas ruas. Esta monografia questiona: como ocorrem as dinâmicas de linchamento virtual? O que configura o linchamento como uma manifestação social mais do que simples prática violenta? Que traduções sociais/culturais podem ser feitas a partir do conteúdo de tais polêmicas?

Para alcançarmos nosso objetivo principal e para respondermos os questionamentos levantados, traçamos **objetivos específicos** a fim de guiar nosso estudo. Primeiramente será realizada, durante o segundo capítulo deste trabalho, uma etapa de **revisão bibliográfica**, que consiste na exploração dos principais conceitos teóricos abordados no estudo da interação das redes sociais e dos linchamentos populares, como a própria definição do que é o espaço virtual e comunicação digital pelas palavras do sociólogo Pierre Levy, passando pela compreensão da natureza das redes sociais como estudado por Raquel Recuero.

Ainda no segundo capítulo, como parte de nossos objetivos específicos, estudaremos o significado dos termos conflito e controle social a partir dos sociólogos Bradley Campbell, Jason Manning e Donald Black para então finalmente

analisar os elementos chave do que constitui um linchamento através dos estudos sociológicos de David Garland, de Roberta Senechal e do brasileiro José de Souza Martins.

Em seguida, no terceiro capítulo, faremos através da **Análise de Conteúdo** um **estudo de duas publicações do Facebook** envolvidas em hostilidades virtuais para ilustrar a estrutura destes sistemas, definir seus elementos nucleares e apontar possibilidades de interpretação nos textos digitados de cada manifestação. Finalmente, no quarto capítulo apresentaremos nossas considerações finais sobre os resultados obtidos no processo deste estudo, respondendo as questões de pesquisa e apresentando as leituras alcançadas em nossa conclusão.

2. UNIVERSO VIRTUAL E CONFLITOS SOCIAIS

Cada vez mais as tecnologias de comunicação digital se tornam parte fundamental do convívio social das pessoas. O Facebook, a maior rede social ativa no globo, terminou o ano de 2015 com 1,59 bilhão de usuários, com mais da metade (65%) destes indivíduos acessando o aplicativo diariamente⁴. No Brasil, oito em cada dez cidadãos com acesso à internet utilizam a rede social para interagir com seus amigos e conhecidos⁵. Tamanha popularização das tecnologias de comunicação digital na vida das pessoas demonstra a existência de novos processos e formas de comunicação.

Tais processos são complexos, impactando diferentes faces da vida contemporânea, oferecendo novas possibilidades e facilidades para a comunicação cotidiana, mas também remanejando e reestruturando modelos tradicionais de interação social. É possível, entretanto, inferir que como uma ferramenta e um espaço para a expressão, o universo virtual também espelhe os conflitos que ocasionalmente emergem das relações humanas? Para responder esta pergunta é necessário compreendermos primeiramente o que é este ambiente.

2.1. PANORAMA CONCEITUAL

A comunicação mediada pelo computador é um campo denso de estudo, embora não seja objetivo desta monografia nos aprofundarmos nos limites e potenciais desta área, mas sim compreendermos se as dinâmicas de linchamentos dentro da internet têm relação com as existentes fora dela, é fundamental para a compreensão do tema abordar conceitos básicos relacionados à comunicação e internet.

⁴ Dados obtidos no portal G1 da Globo, acessado em 03/06/2016: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2016/01/facebook-anuncia-crescimento-dos-lucros-e-do-numero-de-usuarios-20160127211006500148.html>

⁵ Dados obtidos no portal Guia-se, acessado em 03/06/2016: <http://www.guiase.com.br/numeros-do-facebook-e-whatsapp-surpreendem-no-brasil-e-no-mundo/>

2.1.1. O Ambiente Virtual

É comum o uso do termo “virtual” ao falarmos de internet, mas o que afinal esta palavra significa? Em seu livro “Cibercultura” Pierre LEVY nos ensina que a virtualidade tem vários sentidos: filosoficamente, seria virtual aquilo que existe apenas em potência e não em ato, encontrando-se portanto antes da concretização efetiva ou formal, exemplificando assim que uma árvore estaria, virtualmente, presente em um grão. No uso corrente, entretanto, a palavra “virtual” seria frequentemente utilizada como “irrealidade”, acreditando-se que alguma coisa deva ser ou real ou virtual, sem poder assumir as duas qualidades simultaneamente (LEVY, 1999, p.47).

Porém, para o pensador francês, filosoficamente falando a virtualidade não se contraporia à realidade como comumente pensado, mas sim opondo-se à atualidade, sendo assim “atualidade” e “virtualidade” dois modos diferentes de realidade, pois “Se a produção da árvore está na essência do grão, então a virtualidade da árvore é bastante real (sem que seja, ainda, real)”. O virtual seria portanto uma entidade “desterritorializada”, isto é, capaz de gerar manifestações concretas independentemente do tempo e do espaço (LEVY, 1999, p.47).

Desse modo, para o autor francês, a cibercultura seria ligada ao virtual direta e indiretamente: Diretamente, a digitalização da informação pode ser aproximada da virtualização, já que os dados dos discos rígidos dos computadores seriam praticamente virtuais por serem invisíveis, facilmente copiáveis e transferíveis, e desse modo quase independentes de coordenadas de tempo e de espaço: “No centro das redes digitais a informação certamente se encontra fisicamente situada em algum lugar, em determinado suporte, mas ela também está virtualmente presente em cada ponto da rede onde seja pedida.” Indiretamente, a cibercultura seria a continuação de um longo processo de virtualização iniciado há muito tempo por técnicas como a escrita, a gravação de som e imagem, o rádio, o telefone e outros (LEVY, 1999, p.48-49).

O espaço virtual assim permite e encoraja um estilo de relacionamento independente de lugares geográficos e da coincidência dos tempos, que embora já existisse anteriormente ao desenvolvimento da internet (através de cartas e do

telefone) é ampliado com as novas tecnologias digitais, tornando possível que indivíduos se coordenem e cooperem em tempo real apesar da diferença geográfica e de horários.

2.1.2. A Comunicação Digital

Existem elementos na comunicação digital, isto é, na comunicação realizada por dispositivos digitais, que se diferem dos modelos tradicionais de transmissão de informação. Ainda acompanhando o trabalho de Pierre Levy (1999, p. 63) compreendemos a existência de três tipos de dispositivos comunicacionais: um-todos, um-um e todos-todos.

Segundo o autor os modelos tradicionais de comunicação em massa, como a imprensa, o rádio e a televisão, são estruturados de acordo com o princípio “um-todos”, pois são formados por um centro emissor que envia suas mensagens a um grande número de receptores que seriam passivos e dispersos. Os correios e os telefones, por outro lado, permitiriam a comunicação entre indivíduos, na estrutura de “um-um”. Já a comunicação na internet estruturou um modelo original, todos-todos, por permitir que comunidades constituam um contexto comum, que permite a interação cooperativa entre todos os usuários de cada comunidade (LEVY, 1999, p.63).

É possível reconhecer essa estrutura todos-todos em correspondências de email para vários destinatários, em conferências eletrônicas por vídeo entre várias pessoas e em publicações nas redes sociais, ambientes do universo virtual nos quais mensagens podem ser lidas por todos os participantes, que por sua vez podem responder e terem suas próprias mensagens lidas pelos outros membros do grupo. Com isso podemos inferir que através da comunicação pelo meio digital os indivíduos são capazes de comunicar muito mais a uma quantidade muito maior de pessoas, principalmente quando comparamos a internet com modos de comunicação tradicionais.

2.1.3. Conexões, Redes e Atores Sociais

O conceito de rede social é onipresente nos dias de hoje e ocupa espaço crescente no discurso acadêmico, nas mídias, nas organizações ou no senso comum. Diferentes áreas do conhecimento têm se debruçado sobre o conceito de redes, geralmente empregando metáforas que lembram encadeamentos, ligações, interações, associações, vínculos, todas estruturas para a troca de informações.

Segundo Raquel Recuero em seu livro *Redes Sociais na Internet* (2009, p. 24) uma rede social é definida a como um conjunto de **dois elementos: atores** (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas **conexões** (interações ou laços sociais).

Os **atores** seriam o primeiro elemento da rede social, “moldando as estruturas sociais através da interação e da constituição de laços sociais”. Dada a natureza da comunicação mediada por computador, que envolve o distanciamento entre os indivíduos que interagem, Recuero afirma que muitas vezes os atores das redes sociais não são imediatamente discerníveis, sendo na realidade representações dos atores sociais na forma de “espaços de interação, lugares de fala, construídos pelos atores de forma a expressar elementos de sua personalidade ou individualidade”. Isso significa, segundo a autora, que um aspecto relevante para a compreensão das redes sociais é a característica da expressão pessoal ou pessoalizada na internet: as pessoas constroem suas identidades através das suas páginas pessoais, formando apropriações individuais no ciberespaço como forma permanente de construção de si (RECUERO, 2009, p. 24-26).

Já as **conexões** diferenciam-se dos atores porque enquanto os atores representam os nós (ou nodos) da rede, as conexões podem ser percebidas de diversas maneiras. Para a autora, elas “são constituídas dos laços sociais, que, por sua vez, são formados através da interação social entre os atores”. Portanto seriam as conexões o ponto principal das redes sociais, porque, segundo a autora, é a sua variação que alteraria as estruturas das redes. É interessante pontuar que, dada a natureza do espaço virtual, tais interações na internet são percebidas graças ao registro dos indivíduos que permanecem ali, o que a autora chama de “rastros sociais”:

Um comentário em um weblog, por exemplo, permanece ali até que alguém o delete ou o weblog saia do ar. Assim acontece com a maior parte das interações na mediação do computador. Essas interações são, de certo modo, fadadas a permanecer no ciberespaço, permitindo ao pesquisador a percepção das trocas sociais mesmo distante, no tempo e no espaço, de onde foram realizadas (RECUERO, 2009, p.30).

Outra distinção entre as relações dadas no meio virtual reside no distanciamento. Para Recuero (2009, p. 37) a distância entre os atores permite a existência da sensação do anonimato uma vez que a relação do corpo físico e a personalidade do ator não é imediatamente reconhecida. O resultado desta particularidade seria a maior facilidade para iniciar e terminar relações, já que estas não envolveriam o “eu” físico do ator.

Esta ausência do *eu físico* conferiria então ao indivíduo uma maior liberdade de interação nas redes sociais, um ponto importante para o seguimento deste estudo.

2.2. CONFLITOS SOCIAIS NA INTERNET

Abordamos até aqui alguns elementos-chave para a compreensão da comunicação na internet, e para prosseguirmos com o objetivo do estudo das dinâmicas dos linchamentos virtuais é necessário analisarmos também as formas em que o conflito entre seres humanos se apresenta na vida social, e como eles alcançam alguma resolução.

2.2.1. Conflitos, Violência e Controle Social

Segundo os sociólogos americanos Campbell e Manning nas relações humanas, **conflitos** interpessoais ocorrem quando um ou mais indivíduos definem o comportamento de outro indivíduo, ou de um grupo de indivíduos, como repreensível - por uma questão ética, moral ou qualquer determinante de comportamento censurável – como uma ofensa, uma agressão ou um crime, mas também desentendimentos, discordâncias e questionamentos. Pessoas podem se manifestar diante de agressões, roubos, mentiras, insultos, heresias, dívidas e um infinito número de ações, e tais manifestações podem se expressar através de

diversas maneiras, de discussões e brigas até a denúncia formal às autoridades competentes (CAMPBELL e MANNING, 2014, p.696).

Em seu artigo sobre microagressões e culturas morais, Campbell e Manning defendem que seres humanos lidam com conflitos de diferentes maneiras, em diferentes circunstâncias: através de discussões diretas, ofensas verbais e violência física; através de boicotes, cortando relações com a outra parte sem qualquer confronto ou reclamação; ou mesmo conceitualizando o problema como um distúrbio em seus relacionamentos e resolvendo a questão pacificamente. A manutenção de conflitos seria chamada de **controle social**, e se daria geralmente envolvendo apenas a parte ofensora e a parte ofendida, e quando isto não fosse possível, uma terceira parte seria invocada para resolver o conflito, como uma autoridade, o governo ou mesmo um familiar que possa atuar como mediador na resolução do problema (CAMPBELL e MANNING, 2014, p .693-696).

Segundo os sociólogos Campbell e Manning, indivíduos e grupos que expressam, através de diferentes métodos, queixas em praça pública sobre conflitos coletivos (como desavenças políticas e ideológicas) o fazem para atrair a atenção dessa terceira entidade, seja ela a autoridade relevante à manifestação ou mesmo a opinião pública, a fim de atrair **partidarismo**. O termo designa a noção de proximidade e/ou pertencimento de um indivíduo ou grupo em determinado conflito, e segundo os autores, historicamente a humanidade desenvolveu formas de expôr seus conflitos publicamente a fim de atrair partidários de sua causa/interesse e portanto resolver o conflito para seu benefício. Das muitas maneiras que as pessoas podem manifestar seus descontentamentos e conflitos, talvez a mais comum seja o repúdio privado compartilhado entre família, amigos, colegas de trabalho e conhecidos, entretanto, na esfera pública as passeatas, marchas, protestos, greves e até mesmo casos de terrorismo e linchamento também podem ser ações para expressar queixas sobre determinado comportamento de indivíduos, organizações ou governos (CAMPBELL e MANNING, 2014, p. 693-700).

Como objetivamos analisar conflitos sociais na internet, é interessante compreendermos se a busca de partidários para resolver conflitos também existe nas redes sociais. E para Campbell e Manning, isso de fato ocorre. Como uma forma

de controle social, as pessoas podem tornar públicas as suas disputas e desavenças, convidando e encorajando outros usuários a compartilhar em suas redes de relações opiniões sobre determinado comportamento. A intenção parece ser alcançar outros indivíduos que, talvez, ignorassem o incidente, para assim criar um conflito maior. Neste caso, são usadas táticas de conflito para buscar a atenção, a simpatia e a intervenção de outros indivíduos, ou seja, a terceira parte (CAMPBELL e MANNING, 2014, p. 696).

Uma característica distinta dos conflitos nos ambientes virtuais, porém, seria a prevalência das *microagressões*, termo descrito por Campbell e Manning como as indignidades verbais, comportamentais e ambientais, breves e comuns, intencionais ou não-intencionais, que comunicam insultos e ofensas raciais, religiosas, de gênero ou orientação sexual para uma pessoa ou grupo. Estereótipos raciais, étnicos, religiosos, de orientação sexual e de gênero e afins contrapõem e ofendem, considerando o paradigma atual da diversidade (CAMPBELL e MANNING, 2014, p. 693).

Para Campbell e Manning as microagressões são usadas dentro da internet como uma forma de controle social, essencialmente como campanhas de suporte para determinada causa, não objetivando a atenção para uma causa singular e específica, mas buscando documentar uma série de ofensas que, juntas, são mais graves do que qualquer incidente individual e que contribuiriam para a marginalização ou prejuízo de coletivos inteiros. Assim sendo, os autores nos explicam por que conflitos sobre culturas são mais graves que outros, sendo também capazes de atrair mais partidários: pois características culturais são compartilhadas com outros, e portanto quaisquer ofensas contra uma etnia, idioma ou religião é uma ofensa contra todos que se identificam com esta etnia, falam este idioma ou praticam esta religião, e que por esta razão mudanças sociais necessariamente causam conflito (CAMPBELL e MANNING, 2014, p. 699-703).

2.2.2. Vergonha, Assédio e Linchamentos

Uma vez considerado que o conflito virtual pode reproduzir as noções de controle social e partidarismo das relações sociais *offline*, podemos analisar as formas nas quais estes elementos se apresentam. Se por um lado é verdade que a internet se revela palco aberto para interações sociais de todo tipo, com seu fluxo de informações remodelando relações de poder e sofrendo mudanças espontâneas de forma e estrutura, então também é verdade que nem todas as interações sociais que ocorrem neste ambiente são positivas. O **assédio moral** é uma delas.

Quando ocorre no universo digital, o assédio *virtual*, chamado de *cyberbullying* no inglês, constitui-se de ações que usam tecnologias de informação e comunicação para manter comportamentos hostis, deliberados e repetitivos contra um indivíduo ou grupo afim de prejudicá-los. Os exemplos dessa prática incluem a intimidação, o controle, a manipulação, o descrédito, a humilhação, a perseguição ou a exposição de pessoas por parte de indivíduos que podem ou não conhecê-las através dos meios digitais de comunicação (HINDUJA, 2009, p. 9-11).

Para Campbell e Manning o *bullying* nas redes sociais tornou-se tanto ferramenta de ataque, para perseguição e humilhação de usuários online que escapem de alguma norma social de um grupo ou coletivo, quanto de defesa, com indivíduos declarando serem vítimas de perseguição e acusando outros de hostilidades, mesmo quando não é o caso, afim de ganharem a adesão de simpatizantes em alguma resolução de conflito. Para a dupla de sociólogos dos EUA há uma tendência para a atomização das relações sociais no meio digital que deteriora redes de solidariedade, dificultando o sentimento espontâneo de empatia pelo próximo (CAMPBELL e MANNING, 2014, p. 710).

Uma das maneiras mais comuns fora do sistema judicial para encontrar a resolução de conflitos é a **vergonha**. Segundo o psicólogo Michael Lewis, a vergonha seria uma emoção dolorosa resultado da comparação entre as ações de um indivíduo e as expectativas de si mesmo (LEWIS, 1992, p.10), enquanto que para Jennifer Jacquet, a vergonha seria afirmada externamente, por outros, para comunicar ou acusar o estado de vergonha para outros. Assim sendo, uma ação

condenável do ponto de vista moral é considerada vergonhosa; porém também aponta-se o autor desta ação vergonhosa como um sem vergonha ou que não tem vergonha na cara (JACQUET, 2015, pg. 21).

Em seu modo mais eficiente, uma pitada de vergonha pode regular comportamento pessoal e reduzir o risco de formas mais extremas de punição: comporte-se como esperado ou sofra as consequências. A ameaça geralmente provoca um grande medo da vergonha (JACQUET, 2015, p. 11).

Segundo a mesma autora, vergonha é uma emoção natural do ser humano que evoluiu para aumentar a cooperação das sociedades humanas, sendo ferramenta para corrigir a postura de indivíduos que falham em cooperar com o grupo. A vergonha, então, regula o comportamento social e serve como advertência de punição, tendo o assédio como método alternativo à violência, constituindo assim uma forma de *controle social*. É possível então inferirmos que o assédio seria a negação dos conjuntos elementares que definem a individualidade e a dignidade de alguém. E seria o medo à este tipo de punição que, senão capaz de doutrinar as pessoas, molda seus comportamentos à base da pressão e da reprovação social do grupo dominante (JACQUET, 2015, p. 36-44).

Outra forma de controle social comumente usada seria o **linchamento**. A palavra tem origem no inglês, sendo tradução direta do termo *lynching*, nascido por sua vez como uma variante do termo “*lynch law*”: uma referência a uma forma de justicamento sumário, executado de maneira direta, pessoal, e sem a mediação do Estado.

A prática da justiça com as próprias mãos foi estudada por Donald Black, que aponta o *self-help* (justiça própria ou pessoal) como uma forma encontrada pelos indivíduos para lidar com seus conflitos ou com comportamentos desviantes, seria uma forma de controle social que opera fora do escopo da lei. Para o autor, tal fenômeno acontece mesmo nas sociedades modernas, onde muitos crimes são respostas violentas a ações da vítima que o criminoso considera inaceitáveis, sendo portanto controvérsias sobre o que é certo e errado, o que é legítimo e o que é ilegítimo. Seguindo a lógica da punição “privada”, o agressor vê a si mesmo como uma vítima e entende que a verdadeira ofensa foi a primeira a ser perpetrada, sendo

as suas ações apenas reações legítimas à ofensa inicial, e, portanto, justificadas (BLACK, 1983, p.34-45).

Roberta Senechal considera linchamentos formas de violência coletiva que tem maior probabilidade de acontecer em períodos de grande polarização social, desigualdade e independência entre as partes envolvidas. Para a autora, a violência se torna coletiva quando em um conflito, além das duas partes já envolvidas (geralmente vítima e agressor) existem outros indivíduos tomando partido de um dos lados por identificação e afinidade. Esse fenômeno de partidarismo, segundo a mesma autora, amplia a zona de conflito de tal modo que a violência geralmente ocorre quando existe desequilíbrio de apoio entre os dois lados envolvidos no embate. Linchamentos tomariam forma, assim sendo, quando o grupo agressor fosse suficientemente maior do que o grupo simpático à vítima (SENECHAL, 1996, p.103).

A partir desta premissa é possível inferirmos que linchamentos são resultados de uma disputa entre duas partes: uma que agride, uma que defende, residindo no resultado de seu confronto a existência ou não da violência como forma de resolução de conflito. Tal compreensão é fundamental para o seguimento de nosso estudo e para nosso objetivo de comparar as dinâmicas do linchamento físico com as dinâmicas do linchamento virtual.

2.2.3. Violência como expressão

É importante destacar que historicamente punições privadas e públicas possuem pesos e consequências distintos na construção de culturas e sociedades. David Garland aponta que na evolução da história penal, desde o século XVII, houve um movimento no sentido de minimizar o sofrimento daqueles que recebem a pena, com o declínio de métodos degradantes ao condenado, como mutilações, torturas, enforcamentos e a ascensão de métodos mais civilizados, como eletrocução, gás e injeção letal, executados em ambientes fechados e não mais em público. Na sua leitura, as punições privadas, fechadas ao público não transmitiam o peso da aplicação e execução da lei da mesma forma que as execuções públicas da pré-modernidade o faziam, na forma de eventos em que a comunidade como um todo

tinha participação, e que eram marcados por crueldade e brutalidade (GARLAND, 2005, p.799).

Segundo Garland, apesar da sua configuração informal e sumária, os linchamentos comunicavam sentimentos de forte emoção, ganhando força justamente quando as práticas violentas por parte do Estado foram abandonadas e a justiça criminal tendeu a diminuir o sofrimento físico dos criminosos. Isto ocorreria porque conforme a execução da justiça tornava-se privada, migrando do enforcamento na praça pública para a reclusão social em presídios, a comunicação da punição tornou-se mais distante dos olhos do cidadão comum. O uso de crueldade e força era portanto deliberado, uma escolha consciente no sentido de degradar os acusados e negar-lhes não somente o direito à justiça formal, mas também destruí-los em diferentes dimensões da cultura e da estrutura local (GARLAND, 2005, p. 818-823).

David Garland analisa as razões que motivariam indivíduos a participar de um linchamento, ao ponto de listar uma série de funções e significados que nos ajuda a explicar o apoio e a legitimidade popular que o fenômeno alcança. Os significados comunicados durante os processos de linchamento durante o período pós-libertação dos escravos nos EUA são listados por Ariadne Natal a seguir, e serão usados ao longo da análise empírica do capítulo três:

- a) Controle do crime: elimina um suposto perigo criminal;
- b) Vingança e castigo: resposta à uma ofensa e reestabelecimento da honra após uma violação intolerável;
- c) Desonra e degradação: despoja o linchado de sua dignidade humana e coloca-o em posição de inferioridade;
- d) Justiça expressiva: cria a oportunidade para que a comunidade expresse seu ultraje e aos acusados sua fúria;
- e) Instruções culturais: o linchamento tem uma função didática;
- f) Purificação: a expiação do corpo do linchado é um ato de purificação, uma ação que reduz a mancha provocada por ele;
- g) Terror e controle racial: reforçar a efetividade das rotinas de controle racial no cotidiano;
- h) Soberania e poder de polícia: reforçar a autoridade e a soberania da comunidade local em detrimento do Estado;
- i) Controle do significado: narrativa única, unânime e inquestionável;
- j) Suspensão dos direitos civis: tentativa de mostrar que os negros não existiam legalmente, não eram cidadãos;
- l) Bode-expiatório: superar conflitos e hostilidades;
- m) Solidariedade: um efeito vinculativo, de cumplicidade e pertencimento (entre os agentes e espectadores do linchamento);
- n) Peça de poder: controle e demarcação de posição;

- o) Gênero e hierarquias raciais: o interdito sexual entre mulheres brancas e homens negros era reforçado pelo linchamento;
- p) Violência sexual: o sadismo envolvido nessas execuções sugerem que impulsos sexuais formam parte da dinâmica psicológica destes eventos;
- q) Linchamento como carnaval: as pessoas iam para ver a justiça ser feita, mas também para se divertir;
- r) Linchamento como memória: os linchamentos usam o sofrimento para criar uma memória. O didatismo envolve as marcas no corpo do linchado, sua exibição e a reverberação da história pelos jornais, fotografias, falas e histórias que passam de vizinhança em vizinhança (GARLAND apud NATAL, 2005, p.59-60).

É a transmissão desses significados durante um linchamento que constitui, para Garland, as suas dinâmicas, e portanto serão estes significados que tentaremos reconhecer no capítulo três nos casos analisados a fim de alcançarmos o objetivo deste estudo.

Embora esta lista de características tenha sido pensada para descrever um fenômeno típico de um momento histórico de alta tensão racial em um país como os EUA, parece ser possível pensar que as relações sociais que produzem este tipo de violência também existam fora do âmbito dos conflitos raciais entre brancos e negros. Assim linchamentos, como fenômenos sociais, adquirem diferentes significados dependendo dos diferentes contextos culturais, políticos e sociais em que se constituem. Segundo Natal: “Uma comparação entre as ocorrências em diferentes épocas e localidades mostraria que os linchamentos são praticados por motivos e possuem características que variam no tempo e no espaço” (NATAL, 2012, p. 25).

Diante de tal exposição, linchamentos podem ser pensados como mais do que mera violência coletiva e mecanismo de controle social. José de Souza Martins no livro “Linchamentos: a justiça popular no Brasil” considera que tais fenômenos deveriam sim ser lidos como formas de expressão e protesto popular, porém sem a orientação politizada e o objetivo racional dos movimentos sociais organizados, sendo ao contrário, irracionais, emocionais, de orientação egoísta e antissocial. De acordo com o autor brasileiro o linchamento não seria uma manifestação de desordem, mas um questionamento da ordem, isto é, um questionamento do poder e das instituições que, justamente em nome da impessoalidade da lei, deveriam assegurar a manutenção dos valores e dos códigos pelos quais seus cidadãos se submetem (MARTINS, 2015, p. 122).

Compreendemos, portanto, que apesar da humanidade ter evoluído para a resolução de conflitos institucional e judicialmente, existem circunstâncias onde indivíduos podem renegar a dependência destas instituições e recorrer a outros meios para lidar com suas queixas e disputas. Em geral, isso ocorre de forma violenta. Segundo Garland, a violência se torna atraente em uma sociedade incapaz de incluir grandes parcelas de sua população na resolução de conflitos (GARLAND, 2005, p. 818).

Assim, o entendimento de que as dinâmicas do linchamento popular existem além da esfera da violência, mas também como expressão e como desconstrução de todos os elementos que constituem a humanidade da vítima é vital para o seguimento desta monografia e para a conceitualização do linchamento virtual.

3. HOSTILIDADE NAS REDES SOCIAIS: ESTUDO DE DOIS CASOS

Podemos considerar as disputas nos ambientes das redes sociais como linchamentos virtuais? Essas práticas ultrapassariam e permeiariam os limites conceituais de justiça, punição, vingança e violência, existindo também como um fenômeno carregado de significados e funções sociais e até mesmo de comunicação? É reconhecível que apesar da variedade e distinção de formas que estas dinâmicas podem adotar a depender do contexto e da cultura no qual elas estão inseridas, existem elementos em comum reconhecíveis e passíveis de comparações independente de quando e onde foram iniciadas.

O objetivo que dá origem a este estudo é justamente reconhecer se estas dinâmicas - de expressão, de justiça e de violência - também existem em outra esfera da vida humana, além da pública e da privada: a esfera virtual.

3.1. Metodologia da parte empírica

Consideramos que o método mais qualificado para realização desta monografia seja uma análise de exemplares de linchamento virtual, afim de examinar minuciosamente aspectos dos episódios escolhidos afim de testar explicações que possam ser aplicadas em outros eventos. Em outras palavras, temos interesse em entender melhor condições contextuais, acreditando que estas são pertinentes para o fenômeno em estudo. Por tratarmos, entretanto, de um estudo exploratório e instrumental de um evento que ocorre necessariamente em um meio dinâmico, fragmentado e descentralizado como é a internet, examinaremos mais do que um caso único para permitir a comparação entre os objetos de análise, e assim, ser possível o reconhecimento (ou a ausência de reconhecimento) da semelhança de resultados.

Desta maneira, analisaremos os casos ocorridos em Fevereiro de 2016, mês em que começamos a coleta de dados para esta monografia, e destacaremos os casos de duas brasileiras que foram alvo de perseguição e expostas online, desejando reconhecer nestes casos os elementos de um linchamento. Como abordado no segundo capítulo deste estudo, os chamados linchamentos virtuais

descrevem eventos de exposição e constrangimento de indivíduos na internet através das redes sociais. Assim sendo, nosso objeto de estudo serão postagens e comentários feitos por usuários online. Como técnica para o estudo usaremos a análise de conteúdo.

Segundo BAUER na **Análise de Conteúdo** se trabalha com a palavra, permitindo de forma prática e objetiva produzir inferências do conteúdo da comunicação de um texto replicáveis ao seu contexto social. Nela, o texto é um meio de expressão do sujeito, onde o analista busca categorizar as unidades de texto (palavras ou frases) que se repetem, inferindo uma expressão que as representem. Da mesma forma, a análise de conteúdo teria a vantagem de ser sistemática e pública, isto é, tem um enfoque geral e faz uso de dados brutos que ocorrem naturalmente, encontrando traços da comunicação humana em no material analisado (BAUER, 2002, p. 212).

3.2. Fevereiro, mês de hostilidades

Como o objetivo geral desta monografia é reconhecer as dinâmicas de linchamentos, o primeiro passo deve ser recortar o nosso campo de pesquisa. Embora seja impossível quantificar o número total de ofensas e hostilidades que ocorram no meio digital, apenas um número reduzido consegue alcançar os holofotes da grande mídia e dos *trending topics* das redes sociais, e estes casos geralmente estão ao alcance de ferramentas de pesquisa como o *Google*.

Ao longo do mês de fevereiro de 2016, mês em que este trabalho foi iniciado, cinco polêmicas ganharam espaço nas redes sociais (como *Facebook* e *Whatsapp*) e na mídia tradicional, sendo este período escolhido portanto como recorte temporal para a amostragem. Evidentemente, dada à natureza fluída do universo digital, outros eventos podem ter ocorrido fora da alçada deste estudo, mas ao longo da pesquisa realizada foi possível reconhecer **cinco conflitos** que polemizaram as redes sociais, como veremos a seguir em ordem cronológica.

CASO 1

O primeiro deles, na primeira semana do mês, foi a **denúncia de assédio de Júlia Velo em sua página do Facebook** (sexta-feira **dia 5**). Há um depoimento público em que ela coloca-se como vítima de constrangimento por clientes do Bar Quitandinha, critica a gerência do estabelecimento pelo descaso com que lidaram com o assédio, convidando outros usuários a criticarem a página oficial do Bar, e despertando a empatia e o repúdio de usuários da rede social ao longo de semanas. O conflito totalizou mais de 140 mil curtidas, 40 mil compartilhamentos e deu início a uma campanha online para que o estabelecimento fosse fechado.

Figura 1 - Print screen do evento para o fechamento do Bar.



Fonte: Acessado em 14/06/2016 http://s2.glbimg.com/RNKUw6vs1JdS7YrjhAfbk-fWvFI=/620x465/s.glbimg.com/jo/g1/f/original/2016/02/07/quit_6.jpg

CASO 2

Três dias depois, na segunda-feira do **dia 8**, após o final de semana do carnaval, as redes sociais incendiaram-se novamente em ultraje, desta vez diante da foto que uma família havia tirado enquanto se divertiam nas ruas de Belo Horizonte no dia anterior. **Fernando Bustamante compartilhou em sua página do Facebook uma foto com a sua esposa Cíntia e seu filho Mateus fantasiados dos personagens do filme *Alladin*, da *Disney***. A polêmica originou-se pelo fato de Mateus, o filho adotivo do casal, ser negro e estar fantasiado como o personagem *Apu*, um macaquinho na animação infantil e companheiro do protagonista *Alladin*. A foto, considerada ofensiva e racista pelos internautas, foi compartilhada milhares de vezes, expondo os rostos da família e da criança publicamente. Bustamante chegou a receber mensagens com ameaças a si e à sua família, e excluiu a postagem

original afim de impedir que a foto se espalhasse pela internet. A estratégia foi sem sucesso, pois a foto já havia superado os 5 mil compartilhamentos. O pai publicou pedidos de desculpas e nos dias seguintes compartilhou reflexões sobre o ocorrido, mas as acusações de racismo e os xingamentos continuaram.

Figura 2 - A foto considerada racista.



Fonte: Jornal EXTRA, acessado em 12/06/2016: <http://extra.globo.com/incoming/18636430-059-410/w448h673-PROP/familia-aladdin-2.jpg>

CASO 3

Na segunda-feira seguinte, **dia 15**, foi a vez de uma nova personagem chamar a atenção do público virtual. **Juliana Reis se negou a participar do Desafio da Maternidade**, uma campanha que pedia para que mães compartilhassem fotos de momentos felizes com seus filhos para celebrar a maternidade. Juliana fez o contrário, publicando em sua página pessoal um desabafo sobre como amava o seu filho mas odiava ser mãe, destacando as dificuldades e problemas que a maternidade envolvia. A reação foi enorme, e Juliana viu seu desabafo ser compartilhado mais de 21 mil vezes, além de receber 120 mil curtidas. Ao longo de quase três mil comentários, a mãe foi apoiada, criticada e xingada por usuários da rede social.

Figura 3 - Publicação de Juliana Reis



Fonte: Facebook, pagina de perfil de Juliana Reis, acessado em 12/06/2016:

<https://www.facebook.com/julianareis.vieira/posts/1030225017048706>.

CASO 4

Uma semana depois, na segunda-feira **dia 22**, quem protagonizou a polêmica seguinte foi a atriz **Fernanda Torres ao escrever um artigo crítico do feminismo para o blog “AgoraÉQueSãoElas**, do jornal Folha de São Paulo. Com o título “Mulher”, o texto da atriz reclama do que entende por feminismo, sendo compartilhado mais de 25 mil vezes nas redes sociais e incitando ofensas e críticas à Fernanda, que poucos dias depois resolveu retratar-se em um segundo texto chamado “Mea Culpa”, ela pede desculpas e concede aos seus críticos não saber o suficiente a respeito do movimento feminista para poder criticá-lo.

Figura 4 - Reação contra Fernanda Torres no twitter.



Fonte: Catraca Livre, acessado em 10/06/2016 <https://catracalivre.com.br/geral/cidadania/indicacao/a-vitimizacao-do-discurso-feminista-me-irrita-diz-fernanda-torres/>.

CASO 5

Na mesma semana, na quarta-feira **dia 24**, ocorreu um outro caso envolvendo **alunas que protestaram contra a proibição do uso de shorts no Colégio Anchieta, em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul**. O protesto, que se tornou notícia nas páginas dos principais veículos de comunicação do Estado e do País, gerou milhares de compartilhamentos - 20 mil curtidas e compartilhamentos apenas na página do G1 - assim como uma onda de críticas às meninas, que foram consideradas promíscuas, preguiçosas ou mimadas por seus críticos.

Figura 5 - Reações sobre o protesto no Colégio Anchieta.



Fonte: Facebook, página do perfil "Vaitershortinhosim – Colégio Anchieta", acessado em 10/06/2016:
https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=478572645678670&id=478335425702392

Diante desses casos e números, e antes de prosseguir com o recorte e delimitação para o estudo, é possível identificar os temas nos diferentes eventos. Uma análise inicial indica que os casos destacados em fevereiro de 2016 - com a exceção do menino fantasiado de macaco - têm como alvo a exposição e o repúdio virtual às mulheres. Quatro dos cinco conflitos virtuais envolvem em algum grau a discussão de papéis de gênero e os direitos da mulher: o assédio sofrido por Júlia em um bar; o questionamento da maternidade de Juliana; a crítica ao feminismo de Fernanda; a liberdade de vestimenta das meninas do Colégio Anchieta.

Adiantamos que não faremos estudo e considerações sobre gênero (seria um outro estudo) nos detendo no objetivo de identificar as dinâmicas que constituem estas hostilidades como processo. Com isto em mente, a decisão para análise mais

detalhada é o **impacto virtual** como base de estudo, calculado grosseiramente pela quantidade de curtidas e compartilhamentos na rede social Facebook. Outro critério de seleção foi a **solidez de evidências para análise** entre os listados: alguns casos onde o usuário desfaz a ação inicial que desencadeou a onda de reações, como Fernando Bustamante excluindo a foto de seu filho torna impossível a medição mais precisa para a análise.

Da mesma forma, algumas destas exposições ocorrem de maneira extremamente fracionada e descentralizada pelas redes, sem um ponto inicial de foco para interação, como ocorre com o texto de Fernanda Torres, que embora tenha sido escrito em uma plataforma que permite a realização de comentários e críticas, como é o site da Folha de São Paulo, foi trazido para escrutínio fora desta plataforma, sendo replicado em milhares de perfis, páginas e blogs que discutiram e criticaram o artigo em seus espaços particulares.

Este fenômeno, embora fácil de perceber enquanto ocorre, impossibilita a pesquisa, já que tais compartilhamentos, individuais e espalhados, não possuem acessos e visualizações suficientes para que ferramentas de busca como o *Google* os privilegiem. Considerando o **impacto nas redes e a solidez de evidências decidimos analisar** dois dentre os cinco casos de fevereiro: **Juliana Reis (Caso 3) e Júlia Velo (Caso 1)**.

Ambos os fenômenos ocorreram principalmente dentro da mesma rede social (Facebook), tiveram postagens como epicentro das discussões e dos conflitos, as postagens continuam existindo online - e portanto podem ser revisitadas, e finalmente, cada um deles individualmente alcançou mais compartilhamentos e curtidas do que a soma dos demais casos.

Uma vez que tratamos neste estudo de um fenômeno que ocorre nas mídias digitais, cabe aqui ressaltar que elas serão a nossa base de consulta, em especial os textos que originaram cada uma das polêmicas virtuais na mídia específica *Facebook*. Temos portanto os textos para análise na forma das postagens dos alvos das hostilidades e também os comentários para contextualizar e analisar os termos empregados.

Considerando o número de comentários em cada um dos casos a serem estudados, é necessário um recorte amostral. Dada a natureza qualitativa desta pesquisa, e de que a análise de conteúdo não procura o grau de frequência de determinado comportamento, palavra ou elemento em um universo observável mas sim o sentido do que é dito, **a amostragem intencional** foi considerada a melhor técnica de amostragem para selecionar quais comentários seriam analisados.

Em cada um dos casos, estabeleceu-se que todos os comentários seriam categorizados em **POSITIVO ou NEGATIVO**⁶, considerando positivos os comentários que de algum modo expressassem apoio às autoras das publicações e negativos os comentários que as hostilizassem. Tal divisão é necessária para reconhecermos os lados partidários - acusadores e defensores - comuns às dinâmicas de um linchamento, como estabelecido no capítulo 2 através de Roberta Senechal.

Em cada categoria foram escolhidos os **10 comentários com o maior número de curtidas**, a fim de representar os comentários mais populares, agressivos ou não, entre os internautas que participaram de cada exposição. Assim sendo, analisa-se o conteúdo de **20 comentários (10 positivos e 10 negativos)** em cada caso.

⁶ Foi desconsiderada a categoria de comentários NEUTROS uma vez que nas redes sociais os usuários se expressaram para apoiar (Positivos) ou hostilizar (Negativos) as autoras das publicações.

3.2.1. JULIANA REIS E O PESO DE SER MÃE

Em fevereiro de 2016, um desafio levantado às mães nas redes sociais acabou criando enorme repercussão na internet. A campanha consistia em as mães compartilharem fotos suas com seus bebês celebrando a maternidade. Em vez de seguir a ideia da proposta, Juliana Reis, de 25 anos, decidiu expôr a sua perspectiva sobre a experiência de ser mãe, descrevendo-a como dolorosa e cansativa: “Quero deixar bem claro que amo meu filho, mas odeio ser mãe”, disse em seu perfil do Facebook (Anexo 1).

Rapidamente o post viralizou e, em pouco mais de um dia, teve quase 80 mil curtidas. Junto com ele, vieram milhares de comentários de apoio, mas principalmente de recusa à postura da mãe - alguns deles afirmando que a jovem estaria sofrendo de depressão pós-parto. Por conta das sucessivas denúncias de abuso na ferramenta de censura da rede social, o perfil virtual de Juliana foi deletado⁷, efetivamente excluindo-a da rede social temporariamente.

Figura 6 - A publicação de Juliana Reis.



Fonte: Página do facebook de Juliana Reis, acessado em 08/06/2016:
<https://www.facebook.com/julianareis.vieira/posts/1030225017048706>

Em entrevistas a jornais⁸, Juliana afirmou que a sua decisão de protestar dessa maneira nasceu da necessidade de mostrar a realidade já que, para ela, ser uma boa mãe não tem nada a ver com sorrir o tempo todo. A experiência negativa

⁷ O perfil de Juliana foi recuperado mais tarde, permanecendo bloqueado por algumas semanas.

⁸ Entrevista ao jornal EXTRA, acessada em 08/06/2016: <http://extra.globo.com/mulher/mulher-que-rejeitou-desafio-da-maternidade-tem-perfil-no-facebook-bloqueado-defende-nao-depressao-18692046.html>

não foi impedimento para que Juliana continuasse expressando suas opiniões, já que por meio de uma amiga, a mãe publicou uma carta em que reforçava seu ponto de vista enquanto sua própria página ainda estava bloqueada.

Ainda bem que eu estou com muita estrutura pra encarar isso porque se eu sofresse de depressão pós parto, como muita gente me diagnosticou, vocês só estariam me dando a arma pra me matar. A quem critica, porque gosta de criticar, ou porque não concorda comigo mesmo (talvez você tenha tido a maternidade dos sonhos): Meu amor por você! E peço pra que tenham mais compaixão com a dor do outro! As palavras machucam (REIS, 2016⁹).

A discussão sobre o assunto no perfil de Juliana se estendeu por aproximadamente três meses (104 dias, com o primeiro comentário feito às 16:38 do dia 15 de fevereiro, e o último em 18 de maio), rendendo um total de 120 mil curtidas, 21.755 compartilhamentos e 2.733 comentários. Destes, aproximadamente 89% (2.433) ocorreram nas primeiras 36 horas a partir do depoimento de Juliana, declinando em frequência e intensidade das respostas dos usuários, com apenas 11% restantes se estendendo pelos 102 dias seguintes.

Figura 7 - Juliana Reis: curtidas, comentários e compartilhamentos.



Fonte: Página do facebook de Juliana Reis, acessado em 08/06/2016:
<https://www.facebook.com/julianareis.vieira/posts/1030225017048706>

Considerando o depoimento de Juliana Reis (Anexo 1) é possível traçar quatro eixos principais de sua argumentação que formam um “campo comum” na sua publicação:

⁹ Entrevista ao jornal EXTRA, acessada em 08/06/2016: <http://extra.globo.com/mulher/mulher-que-rejeitou-desafio-da-maternidade-tem-perfil-no-facebook-bloqueado-defende-nao-depressao-18692046.html>

- 1) ela ama o seu filho;
- 2) ela odeia ser mãe por conta das dificuldades que isto acarreta;
- 3) ela acredita na existência de uma cultura que superestima a maternidade;
- 4) ela vê esta cultura como danosa por iludir mulheres sobre serem mães.

Dessa maneira, é possível auferir à autora o seguinte quadro textual:

Quadro 1 – Quadro textual de Juliana Reis.

CONTESTA	DEFENDE
maternidade como valor plenamente positivo	maternidade como valor negativo
incompatibilidade entre amar um filho e odiar ser mãe	compatibilidade entre amar um filho e odiar ser mãe

Fonte: Elaborado pelo autor a partir do Anexo 1.

É possível reconhecer as críticas que Juliana faz: à cultura, às mulheres, às mães, aos papéis de gênero e à sociedade. Em sua opinião as pessoas deveriam reconhecer as imperfeições da maternidade e, como ela, dividir as dificuldades relacionadas ao status de mãe. Uma vez reconhecidos os argumentos expressos no depoimento da página do Facebook de Juliana temos condições de examinar e avaliar as expressões que foram publicadas como reação à opinião da jovem. Nos ANEXOS 2 e 3 estão os vinte comentários mais curtidos da publicação de Juliana Reis, divididos em duas categorias: **positivos (Anexo 3) e negativos (Anexo 2)**.

Nos comentários apresentados, é possível reconhecer um padrão de hostilidades e de defesas das opiniões levantadas. Considerando que Juliana havia feito um comentário de polêmica afim de propor uma crítica ou um debate com seus interlocutores, é possível perceber que apenas parte dos comentários da amostra respondem à crítica em tom de diálogo.

É perceptível como os comentários da categoria Negativos não fornecem espaço para disputas ou concessões, sendo majoritariamente julgamentos sobre a

jovem mãe, recriminando sua conduta. Se havíamos compreendido que afinal a crítica de Juliana era voltada à visão dogmática que a sociedade impõe sobre a maternidade, o que temos agora é a resposta que, negativa, choca-se contra a perspectiva da agente da polêmica, rechaçando sua opinião e reforçando o que Juliana havia apontado como *status quo*.

No segundo capítulo deste estudo, apontamos brevemente como, segundo Garland (2005), os linchamentos raciais dos EUA pós fim da escravidão traduziam-se como mais do que violência, mas como um conjunto de símbolos e significados que comunicavam diferentes valores para a comunidade. Observando os comentários negativos, é possível apontar algumas similaridades e categorizá-la da seguinte maneira:

Quadro 2 - Quadro de Análise dos Comentários Negativos (Juliana Reis).

Proposto por Garland (2005)	Observado no Caso
Negação da racionalidade	Insinuando ou declarando abertamente que Juliana não está na plenitude de suas capacidades mentais e portanto tendo opiniões inválidas, “depressão pós parto”, “louca”, “idiota”.
Destituição de mérito	Considerar que Juliana tem dificuldades pois é fraca, enquanto que mães de verdade são fortes.
Questionamento do caráter ou conduta	Julgando a mãe como preguiçosa, promíscua, superficial e/ou “mimada”.
Reforço e demarcação de valores	O uso do espaço virtual para reforçar o SEU próprio caráter ou mérito, realçando sua história, suas dificuldades e suas vitórias em oposição aos fracassos de Juliana.

Intimidação e pressão social	Tentativa de envergonhar a vítima, conjecturar sobre arrependimentos e penitências futuras.
Instruções culturais e de solidariedade	Vínculo de cumplicidade entre as críticas de Juliana, que por eliminação seriam as mães boas.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir do Anexo 2.

É reconhecível como nas reações negativas as respostas à polêmica de Juliana não se dirigem aos argumentos levantados na crítica de Juliana, mas apenas atacam o interlocutor: reduzindo Juliana à fraqueza por enfrentar dificuldades e/ou enaltecendo a si mesmas por não compartilharem dos problemas ou terem conseguido superá-los, tornando a maternidade uma questão de mérito na qual mulheres merecem ou não merecem serem mães; atacando o caráter da mãe, taxando-a de “ridícula”, de preguiçosa, promíscua, irresponsável, mimada e digna de piedade alheia, visando a censura através da vergonha, assim como os pedidos para que deixe de ser egoísta e pense no seu filho; e até mesmo atacando a sanidade de Juliana, questionando se não estaria em depressão pós parto e, portanto, sem capacidade de pensar por conta própria, sugerindo internação e tratamento psicológico para corrigir sua postura.

Da mesma maneira existe uma predominância no compartilhamento de suas próprias histórias e narrativas, seja com fins de moralização, insinuando que é moralmente reprovável Juliana reclamar de seu filho quando outras mães dariam tudo para ter um bebê, quanto de expressar censura, ao tentar qualificar as dificuldades da autora como bobagens quando comparadas aos problemas mais graves que as outras mães teriam superado em suas vidas.

Retomando a função social da vergonha abordada no capítulo 2, é possível inferir que a reação negativa das mães nas sequências textuais analisadas demonstra intenção de humilhação de Juliana Reis afim de conformá-la e realinhá-la à postura social mais adequada. Como declarado por ambas as partes, é a de que

declarações questionando o papel da maternidade não podem ser expressas sob pena de repúdio.

Por outro lado, na seleção de comentários positivos (Anexo 3) a maior parte das respostas teve tons de defesa e justificativa da opinião de Juliana, exaltando a sua força, sua coragem e censurando as críticas das outras mulheres à jovem mãe, reforçando que afinal de contas Juliana tem direito a sua opinião, e mais importante, tem direito a emití-la sem ouvir ofensas de outras pessoas. Alguns elementos, entretanto, parecem se manter.

Quadro 3 - Quadro de Análise dos Comentários Positivos (Juliana Reis).

Proposto por Garland (2005)	Observado no Caso
Defesa da crítica	Reforçando o direito de livre opinião
Proteção do mérito	Destacando que emitir uma opinião como a do caso exige méritos como coragem e força.
Defesa do caráter ou conduta	Apontando que nenhuma mulher merece o tratamento dado à Juliana.
Reforço e demarcação de valores	O uso do espaço virtual para reforçar o SEU próprio caráter ou mérito, realçando sua história, suas dificuldades e suas vitórias em conciliação aos fracassos de Juliana.
Conciliação e pressão social	Tentativa de mostrar para a vítima e para suas detratoras que todas as mães sofrem igualmente.
Instruções culturais e de solidariedade	Vínculo de cumplicidade com as mães

Fonte: Elaborado pelo autor a partir do Anexo 3.

Analisando os comentários positivos é possível admitir que eles têm função apologética, isto é, de defesa e justificativa da ação inicial que desencadeou a polêmica. Para cada ponto hostil levantado na tabela de comentários negativos, os comentários positivos invocaram uma resposta: contra a acusação de que Juliana seria uma mãe fraca por exibir fraqueza, responde-se que a própria declaração pública de Juliana exige força e coragem; contra a acusação de que Juliana não possui caráter para ser mãe, ergue-se a defesa de valores anteriores ao caráter individual como fonte de respeito, como o gênero (“nenhuma mulher merece ouvir isso”) ou a própria maternidade (“todas as mães passam por isso”).

Chama a atenção, porém, que certos questionamentos se mantêm, alterando apenas seu alvo. As mulheres que defendem Juliana também dividem suas experiências na maternidade para criar um vínculo de cumplicidade e de produzir conciliação entre as partes, reforçando a idéia de pertencimento a um mesmo grupo (mulheres, mães).

Percebe-se também que ainda se faz presente, mesmo que em menor número, a desqualificação da oposição como irracional, denunciando as mães que atacaram Juliana como “hipócritas” e “retardadas”. Também é perceptível a concordância com o argumento utilizado por Juliana, assumindo suas críticas como verdadeiras e baseadas na realidade, ainda que concedendo espaço para a discordância e do convívio de divergências.

Analisando estes comentários positivos e negativos é possível reconhecer um confronto entre duas partes análogo ao apontado por Senechal (1996, p.103) como base de mediação de conflitos no capítulo 2 deste estudo. O lado acusador questiona, humilha e desconstrói as identidades da acusada, tentando remover suas qualidades como mulher, como mãe e como indivíduo, enquanto o lado da defesa tenta rechaçar as acusações, questionando os questionamentos, reforçando as identidades da acusada e, em menor grau, humilhando o lado acusador.

3.2.2. JÚLIA VELO E A ACUSAÇÃO DE ASSÉDIO

Em 5 de fevereiro de 2016, uma mulher chamada Júlia Velo compartilhou em sua página pessoal do Facebook um desabafo a respeito de um assédio que teria sofrido em um conhecido bar da Vila Madalena, na Zona Oeste de São Paulo, chamado Quitandinha Bar. No depoimento, a jovem conta que foi assediada e acoçada por dois homens, acusando a gerência do estabelecimento de não somente negligenciar seus pedidos de ajuda, como de ainda apoiar os abusadores e de expulsá-la agressivamente do ambiente.

Seu depoimento causou comoção nas redes sociais, recebendo a atenção dos usuários e dando origem a um movimento online exigindo que as autoridades competentes fechassem o estabelecimento. O bar inicialmente negou a acusação, mas poucos dias depois pediu desculpas em sua página oficial no Facebook por conta da pressão do repúdio sofrido. A jovem relata em sua publicação que esteve no bar com amigos e quando o grupo saiu para fumar, ela e uma amiga foram abordadas por dois homens.

Após serem ignorados, eles as teriam xingado e agredido. Ela afirma ter recorrido ao garçom e ao gerente, e conta que, ao invés de ajudá-las, os funcionários do bar explicaram que tratavam-se de clientes de longa data e solicitaram que o segurança as expulsasse do local. A mulher contou ainda que acionou a polícia e que teria presenciado um cumprimento entre os homens e o policial, que também pareciam se conhecer.

Em nota publicada na rede social, um funcionário do bar negou o relato e disse que a equipe estava "indignada", afirmando que no bar "nunca teve esse tipo de situação" e que o local "é frequentado por 70% de mulheres, sendo que nunca houve essa reclamação durante todo esse tempo", assim como "estranha o fato da pessoa que conta a história não querer assistência como foi dada no momento, estranha a pessoa não querer denunciar o agressor e sim, apenas falar do bar" (BAR QUITANDINHA, Anexo 4). A tentativa de defesa deu novo fôlego à polêmica, agravando as reações online. Em nova postagem, administradores da conta

escreveram que aparentemente “havia um engano na interpretação do texto anterior”. Mais tarde, um terceiro post foi publicado com um pedido de perdão.

A equipe do Bar Quitandinha pede desculpas se em algum momento demos a impressão de que estávamos transferindo alguma culpa ou acusando alguém. Como já foi dito, procuramos sempre dar assistência aos nossos frequentadores, garantindo a integridade dos mesmos. (BAR QUITANDINHA, Anexo 5)

Horas mais tarde, uma nova mensagem foi compartilhada anunciando um trabalho intenso de apuração dos fatos. “Queremos que vocês saibam que estamos trabalhando com toda nossa força pra descobrir exatamente o que houve na noite do dia 4 e para responsabilizar os culpados pelo fato acontecido.” A publicação acrescenta que “os culpados serão responsabilizados” e que o a equipe está aberta e querendo “ouvir todos os envolvidos no acontecimento” (Anexo 6).

Em questão de dias, o repúdio dos internautas resultou na massificação das avaliações negativas da ferramenta de avaliação de páginas de empresas do Facebook. A página do bar alcançou, em poucos dias, mais de 20 mil avaliações negativas contra apenas 188 positivas. Também foi criado um perfil na rede social que divulgou um evento exigindo o fechamento do bar. Mais de 1.500 pessoas haviam confirmado presença menos de um dia depois.

A discussão sobre o caso ganhou novos tons no dia 15 de fevereiro, quando a administração do Bar compartilhou um vídeo com a filmagem das câmeras de segurança do local como evidência de que as acusações de Júlia Velo eram falsas. Editado e sem som, o vídeo dividiu opiniões entre os internautas: uma parte voltou-se contra Júlia, questionando-a e julgando-a mentirosa e maluca, outra manteve-se em defesa da jovem, acusando o Bar de manipular as imagens para acobertar um assédio.

A repercussão deste caso promoveu debates intensos na internet sobre direitos da mulher, machismo e cultura de estupro na sociedade. Ao longo de aproximadamente dois meses (56 dias, de 5 de fevereiro a 31 de março) a disputa das narrativas do caso ganhou múltiplos espaços nas redes sociais, dividindo-se entre as páginas de Júlia Velo e do Quitandinha Bar. A publicação original com a

denúncia de Júlia teve mais de 140 mil curtidas, mais de 40 mil compartilhamentos e um total de 1.663 comentários.

Figura 8 - Júlia Velo: curtidas, compartilhamentos e comentários



Fonte: Página pessoal de Julia Velo, acessada em 11/06/2016:
<https://www.facebook.com/julia.velo/posts/1027796097294719>

Já a publicação de defesa na qual o estabelecimento compartilha o suposto vídeo que comprova sua versão dos fatos teve um alcance muito menor, cerca de 4.300 curtidas e 640 compartilhamentos, porém proporcionou uma discussão mais longa, ao longo de 4.077 comentários.

Figura 9 - Quitandinha Bar: curtidas, compartilhamentos e comentários.



Fonte: Página do Quitandinha Bar, acessada em 11/06/2016:
<https://www.facebook.com/Quitandinha-Bar-339947812719370/>

Levando em conta os objetivos deste estudo, e considerando a natureza fluída do meio digital que exige do analista flexibilidade para acompanhar as suas dinâmicas, decidiu-se neste estudo considerar apenas a **publicação original de acusação de Júlia Velo**, analisando o total de seus comentários e dividindo-os nas categorias de POSITIVO e NEGATIVO como feito no caso anterior.

Reiteramos aqui que o objetivo desta análise não é versar sobre os méritos dos argumentos de cada parte nem tampouco na veracidade de uma versão ou de outra, mas sim estudar como as falas dos agentes se apresentam, independente de

juízos morais ou éticos. O relato de Júlia Velo (Figura 10) torna público um acontecimento vivido por ela. Nele, podemos reconhecer os seguintes elementos:

- 1) na ausência de presença masculina amigável, ela foi assediada;
- 2) o assédio passou para agressão ao oferecer resistência;
- 3) as pessoas do estabelecimento foram cúmplices do abuso;
- 4) seu sofrimento é negligenciado por todos os presentes.

Figura 10 - Júlia Velo: Publicação Completa.

Júlia Velo
5 de fevereiro · São Paulo, SP ·

O Carnaval começou com uma dose cavalari de silenciamento. Senta que lá vem textão.

Ontem à noite, eu e meus amigos tivemos a infelicidade de ir parar no Bar Quitandinha, na Vila Madalena. Sentamos em um mesão com nossos amigos homens e só eu e a Isabella de mulher. Bebemos algumas durante umas horas, até que todos os homens resolveram se levantar para ir fumar ao mesmo tempo. Absolutamente normal. Eu e ela continuamos sentadas, batendo papo.

E, no intervalo de 5 minutos sem a escolta masculina, um absurdo aconteceu.

Dois caras se sentaram na nossa mesa de forma extremamente desrespeitosa. Puxaram a cadeira e se acomodaram, sem nenhum tipo de convite ou abertura. Tentaram puxar papo insistentemente, enquanto nós desconversávamos, bastante incomodadas. Um deles achou conveniente se servir da nossa cerveja. Obviamente indignadas com a situação, pedimos para que ele não fizesse isso e deixasse a mesa. Ele ignorou e seguiu fazendo o que bem entendesse. Chamamos o garçom e pedimos para ele afastar os caras, que, a esse ponto, já estavam perdendo a linha. Nada – nada - foi feito.

Enquanto eu e a minha amiga tentávamos ignorar os dois trogloditas, eles resolveram partir para o contato físico, já que uma conversinha amigável não estava adiantando. Um deles puxou meu braço. Pedi para ele não tocar em mim. E aí, meu amigo, imagina um cara que ficou puto. Como assim eu não posso tocar numa mulher que tá sentada sozinha? Eles se levantaram da mesa e começaram a nos xingar dos piores nomes da face da terra. “Putas e “lixo” foram dos mais leves. Disseram que não queriam nos tocar mesmo, já que somos feias, gordas e escrotas. Que eles tinham tanto dinheiro (?) que poderiam até nos comprar, se eles quisessem. É. Esse tipo de babaca.

O garçom chegou com o gerente no meio da discussão. Ah! Esses daí vão ajudar a gente, pensamos. Até parece. Eles deram um cumprimento caloroso nos dois assediadores – clientes da casa há 10 anos, reforçaram inúmeras vezes, para tirar a nossa credibilidade. E, ao invés de retirar os caras, o segurança nos retirou, de forma bruta. Sim. As duas meninas que estavam sentadas na mesa tomando conta das nossas próprias vidas. Nesse ponto, nossos amigos homens já tinham voltado e estavam tentando convencer a equipe do bar de que a culpa não era nossa, também em vão, também indignados com tudo.

Saimos e o gerente veio conversar conosco. Aliás, conversar não, dar mais um dose de humilhação. Enquanto minha amiga tentava explicar o absurdo que tinha acontecido, o tal gerente não a olhou nos olhos nenhuma vez e bufava com desprezo. Quando resolveu falar, disse que, se não houve agressão física (que aliás, mais tarde, descobri roxos e cortes nos meus braços, adquiridos no momento em que o lindo me segurou para me xingar), não poderia fazer nada. Que os dois indivíduos que nos assediaram eram clientes e não iriam lidar com as nossas acusações.

Enquanto tudo isso acontecia, a dupla ficou lá dentro, tranquila, sendo servida como príncipes. Olhavam para trás entre um gole e outro para rir mais um pouquinho da nossa cara e nos mostrar o dedo do meio.

A polícia chegou. Ufa, quem sabe agora vai nos escutar? Pff. Não dá pra fazer nada não, moça. Se você quiser, vai ter que ir até a putaqueopariu fazer um BO junto com os seus agressores. Tudo o que você precisa ouvir em um momento traumático e sem nenhum suporte.

Um dos agressores finalmente saiu do bar para falar com a polícia. E a cena foi a seguinte: ele e o policial se cumprimentaram com um toque íntimo de mão e algumas risadas. Apontaram para nós, nos chamaram de histéricas, e retornou para sentar dentro do bar com seu amigo. Tranquilo. Suave.

Tudo isso aconteceu diante dos nossos olhos ardendo de chorar de impotência e raiva. Nenhum grito foi suficiente para ser ouvida: nem pelos dois caras, nem pela equipe do bar, nem pela polícia. Ninguém saiu perdendo, só nós: as mulheres, vítimas daquela merda toda.

#vamosfazerumescândalo

EDIT: Essa é a página do bar. Sintam-se à vontade para dizer para eles o que vocês pensam. <https://www.facebook.com/Quitandinha-Bar-339947812719370/>

👍 Curtir ➦ Compartilhar

👍 😡 😞 e outras 140 mil pessoas

Fonte: Página pessoal de Júlia Velo, acessada em 11/06/2016:
<https://www.facebook.com/julia.velo/posts/1027796097294719>

Dessa maneira, é possível auferir à autora o seguinte quadro textual:

Quadro 4 - Quadro textual de Júlia Velo.

DEFENDE	CONTESTA
o respeito aos seus direitos como indivíduo	insegurança e aflição da mulher em ambientes públicos
repúdio social como forma de mudança de comportamento	cumplicidade e negligência das pessoas com abusos

Fonte: Elaborado pelo autor baseado na Figura 10.

Normalmente poderíamos considerar um depoimento meramente descritivo por basear-se em uma confissão que, anedótica ou real, tem como pretensão contar uma história, uma narrativa, um evento. Porém a descrição dos fatos deixa de ser uma simples denúncia de um evento repudiante e se torna uma crítica mais ampla, coletivizada e direcionada à sociedade, quando a jovem finaliza seu texto: “Ninguém saiu perdendo, só nós, as mulheres”, tornando o problema vivido pela jovem não um evento individual que ela tenha sofrido, mas uma demonstração de um sofrimento maior, constante, sistemático, que afligiria mulheres como um todo, constituindo assim uma posição muito mais provocativa.

Em seguida Júlia Velo passa da provocação para a sentença, efetivamente incitando a punição necessária para o desagravo sofrido ao compartilhar a página do estabelecimento que a teria destrutado, a fim de expô-lo ao repúdio virtual. Neste ponto seu texto transpassa os limites da disputa e entra no reino da certeza. Júlia está, afinal de contas, declarando algo que aconteceu e que, para ela, não há espaço para dúvidas: ela foi vítima de agressão, e o movimento de repúdio e escrutínio que ela tenta iniciar tem como função mostrar aos seus agressores que não poderão escapar impunes.

Tal comportamento remete à busca por partidarismo explicada por Donald Black (1983) e Roberta Senechal (1996) como o afeiçoamento ou a distância sentida por alguém ou por algum grupo em relação a determinado conflito, e pela procura

de uma terceira parte capaz de resolver um conflito, sendo neste caso a multidão de usuários do Facebook. Em oposição ao caso de Juliana Reis, Júlia não dá início ao conflito ao expressar uma opinião sua nas redes sociais.

Neste caso, o conflito teria ocorrido no mundo *offline*, com a jovem decidindo importá-lo à esfera digital afim de alcançar justiça, convocando ajuda para que seu prejuízo, seus danos morais, tenham algum tipo de retribuição. Ao longo deste estudo foi possível perceber, entretanto, que a natureza do mundo digital, por ser demasiadamente fluida e inconstante, é também difícil de prever e mensurar, e Júlia, de denunciante de um crime, acabou sendo denunciada em resposta na próxima publicação do Bar Quitandinha:

Figura 11 - Resposta do Quitandinha Bar e vídeo.

Quitandinha Bar
15 de fevereiro · 🌐

Ao nosso público,

O Quitandinha tem como foco principal o bem estar de seus clientes. Nossa luta é diária para receber bem as pessoas, que aqui se reúnem para relaxar e comemorar. Atender bem é a única fonte de motivação para a existência de uma casa como a nossa. Temos muito orgulho dos clientes que nos privilegiam. Somos uma empresa familiar e com tradição de 25 anos no nosso ramo. Às vezes, a vida nos traz situações complexas para administrar, como esse episódio que envolveu uma pessoa que esteve em nosso bar e que gerou reação nas redes sociais. Nem sempre os fatos são como aparentam. E, neste caso, a realidade nos mostra que a verdade não está no que foi compartilhado apressadamente. Essa é a versão de uma pessoa só.

Respeitamos a opinião de todos, mas temos a certeza de que o que ocorreu não se passou como afirmado. Longe disso. O estresse do momento, acreditamos, inflamou o animo de alguns. Continuaremos motivados para trabalhar devido ao carinho que estamos recebendo de muitos clientes, homens e mulheres que aqui frequentam. Isso nos acalenta. Lamentamos profundamente por todos que nunca foram ao Quitandinha e que, influenciados pela velocidade da informação da internet, postaram mensagens ofensivas contra nós.

Recentes episódios mostram claramente a brutal irresponsabilidade de se tornar réu ou juiz nas redes sociais, sem ter tido o menor contato com as provas e acesso às versões de ambas as partes. É muito ruim que a reputação de uma família toda (proprietários e funcionários) seja manchada por conta de inverdades desmontáveis pelas câmeras de segurança do bar. Estamos seguros que nossos funcionários agiram em diferentes momentos para tentar resolver a situação.

Vamos continuar firmes no compromisso de bem servir.

Obrigado,
Família Quitandinha

Clique no link e veja as imagens:
<http://www.barquitandinha.com.br/video/video.html>

👍 Curtir 💬 Comentar ➦ Compartilhar

👍❤️🔥 4,3 mil Ordem cronológica ▾

642 compartilhamentos 4 mil comentários

Visualizar comentários anteriores 30 de 4.077

Fonte: Página do Quitandinha Bar, acessada em 11/06/2016:
<https://www.facebook.com/Quitandinha-Bar-339947812719370/>

Reiteramos que não é do interesse deste estudo refletir sobre a veracidade dos fatos denunciados pelos agentes do conflito, e que portanto não será abordado nesta monografia o **conteúdo do vídeo**¹⁰, nem as réplicas e tréplicas seguintes a ele. Concentraremos nossa análise nas hostilidades trocadas em seu momento mais intenso no ambiente de maior alcance, sendo a publicação original da jovem Júlia Velo. Para prosseguirmos a análise é também necessário observar a sequência textual da resposta do Bar, para que a tenhamos em conta quando formos analisar os comentários relacionados ao tema. Na resposta, podemos reconhecer os seguintes elementos:

- 1) o estabelecimento preza pelo bem estar dos clientes;
- 2) a empresa deve ser e é capaz de lidar com problemas complexos como o ocorrido;
- 3) a descrição dos eventos feita por Júlia Velo é falsa;
- 4) lamentam que pessoas tenham agido irresponsavelmente.

Sendo assim, podemos montar o quadro textual da resposta da seguinte maneira:

Quadro 5 - Quadro textual do Quitandinha Bar.

DEFENDE	CONTESTA
preocupação com os clientes e compromisso de servi-los	versão dos fatos como relatado por Júlia Velo
valorização da reputação do estabelecimento	prejuízo causado pelas hostilidades dos usuários nas redes sociais

Fonte: Elaborado pelo autor baseado na Figura 11.

A resposta do estabelecimento adota um formato relativamente institucional, trazendo à tona sua tradição, sua história e informações dos bastidores do Bar como meio para proteger-se das retaliações. A divulgação do vídeo, porém, acaba por fazer deste depoimento mais do que a mera expressão institucional do Bar, configurando-o como uma ferramenta de silenciamento das críticas e da acusação,

¹⁰ o vídeo pode, entretanto, ser acessado no site:
<http://www.barquitandinha.com.br/video/video.html>

como a prova final que encerraria o assunto e privaria o estabelecimento de mais prejuízos.

Embora não seja possível verificar as intenções por trás da divulgação, podemos constatar que não houve no texto um convite aos ataques que Júlia Velo receberia em seguida. Mesmo assim, trata-se de uma publicação para blindar-se do conflito, seja por direcionar o repúdio social para Júlia, seja por simplesmente dizer-se certo, em sua perspectiva. Somente agora, após observarmos o panorama geral e o contexto no qual os comentários estão inseridos é que poderemos analisá-los. Nos anexos estão os vinte comentários mais curtidos da publicação de Júlia Velo, divididos em duas categorias: **positivos (Anexo 8) e negativos (Anexo 7)**.

Nestes comentários são reconhecíveis os padrões de hostilidades e de defesas da opinião levantada. Havíamos classificado tanto a publicação de Júlia quanto a do Bar como autoritárias, por se fecharem ao diálogo e apenas decretarem uma realidade existente, sem espaço para interpretações diferentes.

Júlia encerra sua publicação fazendo um convite para que outros indignados, como ela, expressem suas inconformidades à empresa que teria sido tão irresponsável com ela. A reação negativa dos comentários, entretanto, toma como verdade a versão dos fatos apresentada pela empresa, desqualificando Júlia individualmente, em questionamento aos seus méritos pessoais, ainda enquadrando-a em coletivos desprezados pelos críticos, como o movimento feminista, chamado nos comentários de “feminazi”.

Quadro 6 - Quadro de Análise dos Comentários Negativos (Júlia Velo).

Proposto por Garland (2005)	Observado no Caso
Negação da racionalidade	Júlia seria “histérica”, necessitando “tratamento psiquiátrico” e sendo “mitomaníaca”.
Questionamento do caráter ou conduta	Júlia seria “oportunista”, dando “jeitinho” para não pagar a conta, sendo chamada de “espertinha” e de “filhinha de papai”.
Coletivização da crítica	Tomando Júlia como exemplo de como outros grupos agiriam.
Escárnio como forma de repúdio	Uso de sarcasmo e ironia para ridicularizar a acusadora.
Invocação da punição como controle social	Ameaças de que o estabelecimento deveria processar Júlia ou que as autoridades deveriam prendê-la.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir do Anexo 7.

Nos comentários mais curtidos que foram contrários à jovem, há a nítida exigência de que ela se envergonhe pelas suas ações, assim como a vontade de que ela seja punida pelo seu comportamento. Se Júlia havia deixado implícita a existência de um ambiente hostil à mulheres no geral, a resposta dos comentários negativos vai diretamente na direção oposta, tomando o fato de que Júlia havia mentido sobre o assédio para desqualificar a ideia de que coletivamente mulheres seriam assediadas com a complacência da sociedade.

Baseando-se no vídeo – que editado não mostra nenhuma das agressões denunciadas pela jovem - usuários também resolveram ridicularizá-la, resumindo as agressões à imagem de um dos supostos agressores apenas pegando um guardanapo na mesa de Júlia Velo antes da confusão se iniciar; um dos usuários

afirma ainda que após tal situação ele se tornaria cliente do estabelecimento apenas como protesto pelo desempenho de Júlia.

Existem também as hostilidades que simplesmente reduzem Júlia a uma pessoa histérica e descontrolada, ou uma vitimista causando confusão por nenhuma razão, abrindo margem para que os comentários reflitam desprezo por movimentos de lutas das mulheres como o feminismo. Segundo alguns este se resumiria a pessoas de comportamento questionável como o que vêem em Júlia. A maior parte dos comentários envolve as evidências trazidas pelo Bar em suas publicações, mencionando o vídeo como base para fazerem os seus julgamentos.

Já na seleção de comentários positivos a maior parte das respostas foi moderada, e embora a maioria justificasse e apoiasse a versão da Júlia Velo, o tom de alguns foi de conscientização, ultrapassando a simples defesa da Júlia como indivíduo e focando-se na visão mais ampla e coletiva do problema apresentado pela autora da acusação.

Quadro 7 - Quadro de Análise dos Comentários Positivos (Júlia Velo).

Proposto por Garland (2005)	Observado no Caso
Invocação da punição como forma de controle social	Apologia ao repúdio, ao processo judicial ou mesmo da retribuição de assédio como vingança
Questionamento das evidências	Destacando a ausência de áudio e os cortes de edição na filmagem, desqualificando o vídeo como evidência.
Crítica construtiva	Expressando a importância de se produzir boletins de ocorrência para oficializar e registrar eventos do tipo.
Conscientização e reforço de valores	Reforçando sobre as ameaças que mulheres coletivamente sofrem

	cotidianamente, mesmo que Júlia não tenha sofrido.
Escárnio como forma de repúdio	Ironizando os prejuízos sofridos pelo Bar Quitandinha.
Cumplicidade e apoio	Uso de palavras de afeto e empatia, como “mana” e “você tem todo o meu apoio”.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir do Anexo 8.

Analisando os comentários do quadro 7 é possível reconhecer que, mesmo entre os comentários positivos, houve dura crítica ao comportamento de Júlia, de modo que a divulgação do vídeo do Bar causou repercussões até mesmo entre o lado simpático a ela. Tais críticas concedem que, contando apenas com o seu testemunho, a denúncia de Júlia perde força diante das evidências contrárias expostas pelo Bar, e daí vem a ênfase de produzir evidências materiais sempre que um abuso do tipo toma forma.

Alguns defensores argumentam que o caso específico de Júlia não necessariamente representa o preconceito e as dificuldades enfrentadas pelas mulheres como um coletivo na sociedade - e que seria levado a sério a ponto de um dos comentários expressar um pedido de desculpas em nome dos homens pelas agressões - e portanto desqualificam as acusações de que Júlia teria mentido, pois isso não teria causalidade ou correlação com a questão maior do papel da mulher e do feminismo em situações semelhantes.

Alguns comentários de defesa também argumentam contra a utilização do vídeo como evidência concreta para a análise do caso, por apontarem corretamente que o material publicado não possui áudio e foi bastante editado, com muitos cortes e espaços entre acontecimentos, tornando assim impossível saber o que de fato aconteceu pois as imagens seriam manipuladas. Outros usuários demonstraram pura simpatia à situação vivida por Júlia Velo, afirmando laços de empatia e

cumplicidade, ao ponto de um usuário pedir desculpas em nome de todos os homens pelo ocorrido.

Em comum com os comentários negativos, entretanto, estão o uso da ironia e do sarcasmo como ferramenta de desmerecimento da desavença, mas neste caso curiosamente o alvo das ironias é o estabelecimento, e não os comentaristas que atacavam Júlia Velo. Também há a evocação da punição como forma de resolução de conflito, de incentivos a processos contra a empresa até a convocação de um grupo de pessoas para assediar os clientes do estabelecimento como uma forma de puni-los por sua negligência, e para que corrijam sua postura.

Nos comentários tão difusos é possível encontrar elementos de todos os tipos: as palavras de conforto e de apoio, o vínculo de simpatia e de compartilhamento de experiências; os comentários que apenas reforçam as palavras de Júlia, reproduzindo sua narrativa e sua descrição da realidade; e uma grande parte dos comentários selecionados que parece conceder razão para cada um dos lados da discussão, seja reiterando à Júlia a importância do devido processo policial, seja levando a discussão para o lado coletivo do conflito, ao invés do individual no qual Júlia reside.

Seria despropositado usar um caso específico como este para generalizações, entretanto é interessante pontuar como o fenômeno que inicialmente promoveria hostilidades contra um estabelecimento comercial, não tenha sido evitado, tenha mudado sua natureza a ponto de incluir em suas vítimas, a própria autora do conflito inicial, Júlia Velo.

3.3. Comparações entre os dois casos

Uma vez considerados e analisados as dinâmicas dos dois casos, seria possível extrair alguma comparação entre ambos os padrões, os sinais e os códigos deste fenômeno chamado linchamento virtual que justificaria seu nome? Façamos primeiro algumas considerações. É perceptível em primeira instância como o caso de Júlia Velo distingue-se do caso de Juliana Reis, em alguns aspectos.

Em primeiro lugar, contrasta-se a descentralização do conflito de Júlia em relação ao de Juliana, pois enquanto o segundo concentrou-se em uma única publicação criada pela autora, o primeiro fragmentou-se ao longo de pelo menos 6 publicações (2 de Júlia, 3 do Bar, 1 evento), tornando muito mais desafiador o ato de dimensionar os impactos e reconhecer as narrativas empregadas por cada lado.

Em segundo lugar, o caso de Júlia diferencia-se pelas hostilidades não serem unilaterais: a inserção de novas evidências sobre o caso (o vídeo) fez com que Júlia, de acusadora, passasse à acusada, sendo também assediada pelos comentaristas. Isso significa que neste segundo caso, ambas as partes conflitantes (Júlia e o Bar) foram vítimas da humilhação e do repúdio dos internautas, e isto nos permite refletir sobre como a virtualidade das redes sociais, isto é, seu estado de ausência do *eu-físico*, torna possível que ao longo de um caso de linchamento virtual, as duas partes envolvidas no conflito sejam assediadas simultaneamente.

Em comum, ambos os casos possuem mulheres como ponto central da polêmica. Mais do que isso, é a discussão do papel da mulher na sociedade que permeia essas discussões ocorridas em fevereiro de 2016, sendo um ponto nevrálgico de discordâncias, de normas e de tabus sociais que alimenta o conflito e incendeia opiniões. Em ambos os casos é possível perceber que existe algum tipo de pressão social sendo utilizada para conformar determinado indivíduo à uma postura mais aceita socialmente, como a **vergonha**: primeiro é Juliana que deveria se envergonhar por não gostar de ser mãe, depois Júlia tenta envergonhar o estabelecimento onde sofreu assédio, apenas para ela mais tarde ser chamada de sem vergonha por usuários online.

As reações de desagravo do público descrevem hostilidades em ambos os casos, mesmo com as propostas iniciais de Juliana e de Júlia serem distintas, formados por expressões claras de revolta, nojo, de pena, de escárnio e de desprezo.

Nas reações negativas de ambos os casos também existe a constante negação da identidade de ambas as mulheres. Quando expostas, Juliana e Júlia tiveram suas qualidades de indivíduo, de mulheres (e de mãe no caso de Juliana) removidas pelos seus detratores: como indivíduos, colocaram em dúvida seus direitos, suas dignidades, suas racionalidades e suas sanidades. Como mulheres, foram reduzidas a estereótipos preconceituosos que simplesmente não podiam ser comprovados pelos acusadores, sendo taxadas de preguiçosas, promíscuas e mimadas.

Usando como base a mesma lista de significados presentes em um linchamento elaborada por David Garland (2005), podemos notar estes elementos em comum nos casos apresentados:

Quadro 8 - Quadro de Comparação entre os casos estudados.

Proposto por Garland (2005)	Observado nos Casos Estudados
Controle do crime	As hostilidades visam eliminar uma ação ofensiva.
Vingança e castigo	As hostilidades são uma resposta à uma ofensa
Desonra e degradação	Ambas as mulheres são colocadas em posição de inferioridade
Justiça expressiva	Oportunidade para que a comunidade virtual expresse seu ultraje
Instruções culturais	O fenômeno tem por função ensinar

	posturas corretas e punir posturas incorretas
Terror e controle de gênero	Reforça-se a efetividade das rotinas de controle social baseadas em gênero
Soberania e poder de polícia	A internet como palco de justiça quando e onde a polícia não pode agir
Controle do significado	Narrativa única, unânime e inquestionável: “maternidade é boa”, “feministas são histéricas”
Solidariedade	Efeito vinculativo de cumplicidade e pertencimento entre defensores das vítimas.
Peça de poder	Oportunidade para demarcação de posição sobre determinado assunto: “eu amei ser mãe” e “peço desculpas em nome dos homens”.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos Anexos 2, 3, 7 e 8.

O que também existe em comum nas estruturas de ambos fenômenos, e que pode ter relação para com linchamentos, é a satanização estereotipada de determinado tipo de pessoa.

É notável em ambos os casos como a referência constante do repúdio revela uma concepção da vergonha e da exposição humilhante como um meio de desenvolvimento moral e social, uma forma de criar ordem, ações privadas vistas como legítimas em uma luta para a erradicação do que é ofensivo.

Segundo José de Souza Martins (2008), linchamentos são uma forma de punição coletiva contra alguém que desenvolveu uma forma de comportamento anti-social:

O anti-social varia de momento para momento e de grupo para grupo. Na França, ter traído a pátria era um motivo para linchar. No caso da Itália, aconteceu o mesmo. No Brasil, é o fato de não termos justiça, pelo menos na percepção das pessoas comuns. (MARTINS, 2008¹¹)

O mesmo autor não considera que os chamados linchamentos virtuais sejam linchamentos. Na sua opinião o termo correto seria “linchamento moral”¹², e que teria sido criado como expressão para descrever agressões de outro tipo, imateriais e distintas do ato de linchar propriamente dito. Por mais violentos que sejam os assédios, quando ocorridos apenas na esfera virtual não constituem a agressão necessária para serem considerados linchamentos análogos às terríveis execuções praticadas por multidões nas ruas.

Entretanto o resultado de ambos os casos não deve ser entendido como um conjunto de ações irracionais e dispersas, pois os dados levantados mostram que fenômenos deste tipo nas redes sociais envolvem signos semelhantes aos linchamentos reais para que sejam ao menos comparáveis. Este repertório não é exclusivo aos comentários selecionados para a amostra, sendo compartilhados por boa parte das pessoas que apoiam estas ações.

Portanto, são sim reconhecíveis certas evidências de padronização entre os casos analisados e aqueles levantados por Garland (2005) como constituintes dos linchamentos raciais do século retrasado. Em comum está não somente a configuração de uma disputa de forças, com um lado de defesa e um de ataque buscando resolver um conflito social, mas o próprio método de desconstrução do indivíduo submetido às hostilidades, estripando-o de toda dignidade, mérito e qualidades que possam identificá-lo como um ser humano pleno, somado ainda ao efeito didático e cultural que pode ser encontrado nestes rituais.

¹¹ Em entrevista ao Instituto Humanitas Unisinos, acessado em 13/05/2016 pelo link: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/noticias-arquivadas/12164-brasil-o-pais-dos-linchamentos-entrevista-com-jose-de-souza-martins>

¹² Em entrevista ao jornal Diário do Centro do Mundo, acessado no link em 04/06/2016: <http://editoracontexto.com.br/entrevista-o-papel-do-linchamento-virtual-no-brasil>

É importante ilustrar que a discussão sobre papéis de gênero tenha se apresentado como tema de fundo em ambos os casos. Não é a intenção deste estudo, entretanto, analisar ou inferir sobre este debate que, por sua complexidade e importância, exigiria uma outra pesquisa para ser abordado.

Nos limitamos portanto a reconhecer que este tema está presente nos dois casos, permeando argumentos tanto das autoras das publicações quanto dos comentaristas, mas sem nos aprofundarmos nesta questão, focando nossa atenção nas hostilidades, objetivo deste estudo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo foi objetivado analisar as dinâmicas do processo de linchamento virtual, e para tanto foram estabelecidos como objetivos específicos a abordagem teórica sobre conceitos relevantes para a análise dos dois casos levantados e a análise do conteúdo de duas publicações do Facebook.

Primeiramente retomamos conceitos chave da cibercultura com os trabalhos de Pierre Levy e Raquel Recuero, compreendendo o **universo virtual** como um ambiente onde a interação social pode se dar fora dos limites usuais do tempo e do espaço; a **comunicação digital** como um modelo de comunicação que, diferente dos tradicionais, permite a um indivíduo emitir sua mensagem a um número muito maior de receptores, potencializando assim o seu alcance; e também aprendemos que as **redes sociais** seriam o espaço de interação entre dois elementos do meio virtual, os atores e suas conexões.

Em seguida, foram estudados conceitos da sociologia através dos trabalhos da dupla Campbell e Manning, do sociólogo Donald Black, David Garland, Roberta Senechal, José de Souza Martins e Ariadne Natal. Vimos como **conflitos** nascem da interação entre indivíduos ou grupos que consideram um comportamento repreensível; e também que é dado o nome de **controle social** para as formas de resolução que os seres humanos desenvolveram para estes conflitos; sendo **partidarismo** uma ferramenta para proporcionar resoluções, descrevendo a noção de pertencimento ou de distância que grupos e indivíduos sentiriam em relação a conflitos, e portanto a chance de intervenção de uma terceira entidade para resolver determinado impasse. Das formas mais comuns de controle social, **vergonha** e **linchamento** são descritos como métodos para punir, educar e transmitir valores através de assédio (vergonha) e violência (linchamento).

Finalmente, através de um exame textual, analisamos o conteúdo de dois casos de “linchamento virtual”, isto é, o linchamento ocorrido na internet, tendo como referência metodológica M. Bauer. Foram analisados os textos de publicações e comentários dos perfis de Juliana Reis e Júlia Velo, estabelecendo quadros textuais

e interpretando o conteúdo das hostilidades postadas a fim de responder como ocorrem os processos de linchamento virtual, o que configura o linchamento como manifestação social mais do que violência, e que traduções podem ser feitas a partir do conteúdo dessas polêmicas.

Uma vez cumpridos os objetivos específicos listados acima, obtivemos resultados que puderam ser comparados e analisados. É possível concluir primeiramente que, apesar do termo *linchamento virtual* ser comumente usado para descrever tais eventos, as hostilidades ocorridas nas redes sociais se distinguem do linchamento físico, isto é, das agressões e das punições executadas por multidões nas ruas, por não incluírem efetivamente a violência física em seus processos, sendo esses casos analisados constituídos de tentativas de difamação e assédio moral, que apesar do peso e gravidade, seriam distintos da agressão pessoal.

Entretanto mesmo o assédio e a humilhação, como abordado no segundo capítulo desta monografia, podem ser e são usados como ferramenta de controle social através da **vergonha** quando ocorrendo de forma sistemática, repetitiva e em grande quantidade, e essa intenção mostra-se presente em ambos os casos avaliados. Da mesma forma, os processos analisados formam-se a partir das mesmas noções de pertencimento e repúdio que marcam o conceito de partidarismo de Donald Black e Roberta Senechal, com perceptível disputa de narrativas por parte de manifestantes favoráveis e contrários as autoras das postagens.

Reconhecemos nas dinâmicas dos casos estudados processos de manifestação social muito semelhantes aos existentes nas dinâmicas de linchamento popular. Constituem manifestação social e expressão na internet por servirem de espaço para a comunicação de símbolos e valores pelas partes envolvidas. Estas usam do momento para reproduzir suas noções éticas, morais e até mesmo religiosas, exigirem punições, repudiando os comportamentos considerados ofensivos e desconstruindo quem consideram atores destas infrações.

Tais dinâmicas configuram este fenômeno do ambiente virtual como semelhante aos linchamentos raciais estudados por David Garland, ainda que como ritual de manifestação, comunique valores sobre um conflito distinto daquele

analisado pelo autor: aqui a discussão que cria o conflito social gira em torno do gênero, e não da raça.

Portanto, consideramos o **objetivo geral** desta monografia alcançado. As dinâmicas que constituem um linchamento virtual reproduzem sim as mesmas dinâmicas nucleares de um linchamento físico, sendo elas: **a formação de partidários** atacando e defendendo o ator do conflito; **a comunicação de significados e valores** éticos, culturais e ideológicos durante o processo de assédio; e finalmente **a desconstrução da vítima**, estripando-a de sua identidade e sua individualidade.

Apesar destas semelhanças, conclui-se a partir dos casos estudados que estes não reproduzem a violência dos linchamentos populares por existir em um espaço virtual, sem a presença do “*eu físico*” dos participantes, e portanto fora dos limites usuais de tempo e de espaço.

Respondendo então a última pergunta sobre as possíveis leituras destas dinâmicas, concluímos que, como ambos os casos envolvem reações frente às liberdades individuais das mulheres e em especial, casos de liberdade sexual e de expressão, estes casos não descrevem apenas hostilidades entre indivíduos, mas representam um fenômeno social mais amplo e que engloba outras áreas, e que portanto deveria ser discutido em um estudo próprio: o debate sobre a emancipação feminina.

O século XX foi uma época de grande convulsão social em diferentes áreas: econômica, social e racial, mas em especial a luta feminina por direitos básicos, de liberdade de expressão e de comportamento, persiste nos dias de hoje em diferentes frentes: o combate contra a violência doméstica, o controle individual de natalidade, a gradual desconstrução da cultura do estupro, o direito ao aborto e a desigualdade de oportunidades, entre muitos outros.

As pautas das mulheres ocupam cada vez mais espaços, e em sua expansão é possível reconhecer os ruídos sociais causados por sua influência na cultura, assim como a resistência à mudança. Nesse sentido, concluímos que estas

contradições têm como consequência o conflito, resultado natural da mudança moral e social de uma sociedade em direção a um avanço na liberdade e igualdade sociais, e embora não tenha sido objetivo do estudo discorrer mais profundamente sobre a questão dos papéis de gênero nos conflitos redes sociais, esperamos que nosso estudo sirva de auxílio para o estudo deste fenômeno, pois é de suma importância para avançarmos como sociedade em direção a uma humanidade mais justa, livre e igualitária.

5. REFERÊNCIAS

BAUER M. W. *Análise de conteúdo clássica: uma revisão*. In: Bauer MW, Gaskell G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. 3a ed., pg. 189-217. Petrópolis (RJ): Vozes, 2002.

BLACK, D. *Crime as Social Control*. American Sociological Review. Vol. 48, No. 1, pg. 34-45, 1983.

CAMPBELL, B. e MANNING, J. *Microaggressions and Moral Cultures*, Comparative Sociology, Editora Brill, NY, v.13, Issue 6, p. 692-726, 2014.

GARLAND, D. *Penal Excess and Surplus Meaning: Public Torture Lynchings in Twentieth-Century America*. Law & Society Review, NY, v. 39 (4), p. 793-834, 2005.

HINDUJA, S.; *Bullying beyond the schoolyard: Preventing and responding to cyberbullying* (Thousand Oaks, CA: Corwin Press), 2009.

JACQUET, J. *Is Shame Necessary? New Uses for an Old Tool*. Knopf Doubleday Publishing Group, 2015.

LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Paulus, 1999.

LEWIS, M. *Shame: the exposed self*. New York: Free Press; 1992.

MARTINS, J. *Linchamentos: a justiça popular no Brasil*, Editora Contexto, São Paulo, 2015.

MARTINS, J. *As condições do Estudo Sociológico dos Linchamentos no Brasil*. Estudos Avançados, v.9, n. 25, 1995.

MARTINS, J. *Entrevista ao Diário do Centro do Mundo*, <http://www.diariodocentrodomundo.com.br/entrevista-o-papel-do-linchamento-virtual-no-brasil-segundo-o-cientista-social-jose-martins/>, acessado em 04/05/2016.

NATAL, A. *30 anos de linchamento na região metropolitana de São Paulo – 1980-2009*, 2012, 177 páginas. Dissertação. Universidade de São Paulo – Faculdade de Filosofia, Letras, Ciências Humanas. Departamento de sociologia. São Paulo, 2012.

NATAL, A. *Entrevista ao Instituto Humanitas Unisinos*, <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/545489-linchamentos-e-possivel-uma-tranquilidade-fundada-na-violencia-entrevista-especial-com-ariadne-natal>, 2015, acessado em 13/05/2016.

RECUERO, R. *Redes sociais na internet*. Editora Sulina, Porto Alegre, 2009.

REIS, J. *Entrevista para o jornal EXTRA*: <http://extra.globo.com/mulher/mulher-que-rejeitou-desafio-da-maternidade-tem-perfil-no-facebook-bloqueado-defende-nao-depressao-18692046.html>, acessado em 02/06/2016.

SENECHAL DE LA ROCHE, R. *Collective Violence as Social Control*. Sociological Forum, vol. 11, No.1, pg. 97-128, Springer, 1996.

Anexo 1 - Juliana Reis: Publicação na Íntegra.



Juliana Reis com [nome] e outras 21 pessoas.

15 de fevereiro · 🌐

Desafio NÃO aceito! Me recuso a ser mais uma ferramenta pra iludir outras mulheres de que a maternidade é um mar de rosas e que toda mulher nasceu pra desempenhar esse papel. Eu vou lançar outro desafio, o desafio da MATERNIDADE REAL. De tudo o que as mães passam e as pessoas não dão valor, como se toda mulher já tivesse sido programada pra viver isso. Postem fotos de desconforto com a maternidade e relatem seus maiores medos ou suas piores experiências pra que mais mulheres saibam da realidade que passamos. Dizem que no final sempre acaba tudo bem, mas o meio do processo por muitas vezes é lento e doloroso.

Primeiramente eu quero deixar bem claro que eu amo meu filho mas to detestando ser mãe. E acho que isso não vai melhorar nem quando ele tiver a minha idade atual.

Primeiro a gravidez. "Nossa que barriga enorme pra 7 meses", "esse bebê não vem não?", "Vicente! Mas pq você escolheu esse nome coitado!". Pessoas, entendam que grávidas não são patrimônio público! Se o que vcs pensam não vai acrescentar positivamente na vida dela façam o favor de não falarem NADA!!! Até se acrescentar positivamente você deve pensar mil vezes antes de falar. ELA está grávida então ela já se informou sobre o que pode ou não comer e se ela está comendo problema é dela! Não se metam!

Mas aí, a pobre da mulher pensa que quando nascer vai melhorar, conta os dias até o parto chegar, esses dias que demoram mais do que toda a gestação junta. E quando a hora chega, nada sai como esperado. No meu caso, que sempre defendi com todas as forças o parto normal, afinal, meu corpo foi projetado pra isso, não tive um corpo tão bem projetado assim. Os médicos falavam que o colo do útero estava fechado e o bebê muito alto e que a cesárea seria a opção mais segura. Tudo o que eu precisava pra me sentir um lixo de mulher que não conseguiu fazer o tão raçudo parto normal. Mas quando o parto chega ao fim eu percebi que não é um mar de rosas ter a cesárea(Sinto algumas dores até hoje com 40 dias da cirurgia.)

Mas nada disso importa mais, tô de frente pro amor da minha vida! (oi?) Tudo que eu senti foi uma tremedeira descontrolada que eu não sabia se era medo ou frio. E quando a médica perguntou o que eu achei do bebê, eu não tive coragem de dizer que tinha sido o bebê mais feio que eu já tinha visto e só perguntei se ele era perfeito. Quando ela disse que sim eu apaguei e quando despertei aquela criança cinza não estava mais perto de mim. Meu filho só voltou pra mim depois de algumas horas e com ele vieram mil regras e informações que eu tinha que absorver em minutos (tudo isso partida ao meio e sem poder me mexer).

Mas agora estamos em casa. Aqui eu vou poder curtir meu filho. Errado de novo! Mais gente querendo se meter de como você deve fazer as coisas. E você, recém operada e cheia de dores, onde encontra as forças pra debater? E nos dias que ele simplesmente grita aos prantos, a mãe tem meio que uma obrigação de saber o que ele tem. "É cólica? É refluxo? É manha? Mas como assim?! vc que é mãe tem que saber!"

E por último, mas não menos importante: a amamentação! "Mãe que é mãe tem que amamentar! Tem que sentir a maravilha que é ser o alimento do seu filho". Hoje eu consigo amamentar com um pouco menos de dor, mas não torna as coisas mais fáceis. Meu filho mama TODA hora. E às vezes por uma hora inteira. "Mas seu leite não deve estar sustentando!"

Nas horas que eu ouço isso eu sinto um anjo me segurar pra não voar em quem falou! Meu leite sustenta sim, obrigada! E quem não amamenta, ou pq não quer ou pq não conseguiu não é mais ou menos mãe do que eu ou do que vc que amamentou seu filho até os 30 anos de idade.

Eu admito que reclamo disso tudo de barriga cheia. Tenho muita ajuda, não preciso fazer comida, cuidar da casa, lavar e nem passar roupa. Mas mesmo assim passo mts dias sem nem pentear o cabelo, substituindo biscoitos por refeição e agora cada segundo de sono é o que me faz ter um mínimo de sanidade mental. Eu aplaudo de pé todas as mães, sem exceção, mas acho irracional e sadoquista gostar dessas coisas. Então, sim, detesto ser mãe. Até porque, passamos por isso tudo pra ainda chegarem pra você e falarem que seu filho é a cara do pai!

Fonte: Página do facebook de Juliana Reis, acessado em 08/06/2016:

<https://www.facebook.com/julianareis.vieira/posts/1030225017048706>

Anexo 2 - Comentários NEGATIVOS Mais Curtidos (Juliana Reis).

Respeito a opinião de todos mas ser mãe não é para as fracas, gravidez tem que ser desejada, curtida, as crianças não pedem para VC transar sem se prevenir, é tão mais fácil evitar. Para ser mãe tem que ter capacidade de se doar, muitas vezes se abre mão de sonhos e desejos para garantir o bem estar do filho. Eles não pedem para nascer, então, no mínimo são responsabilidade nossa, nós decidimos ter ou não. Se VC não está preparada para se doar não tenha filhos. Se coloque no lugar deles, se sua mãe dissesse tufo isto a seu respeito, no mínimo vc ficaria triste ou um ser desprezível cheio de ódio. VC é dona da sua vida, do seu corpo, se não quer assumir compromisso é simples. Evite Mas se não evitar assuma!!!! E dê Graças a Deus de seu filho ser saudável, muitas mães dariam a própria vida para ter um filho saudável, ve-lo crescer, brincar, falar, andar etc. No momento que VC expõe sua opinião VC dá abertura para as pessoas também dizerem o que pensam. Seja feliz, se for possível alguém com tanta amargura no coração ser feliz. Tudo que escreveu no texto não é novidade nenhuma, toda mãe passa por isto mas é uma dádiva poder ter filhos. Mas como eu disse: *ser mãe é para as fortes.

Curtir 931 · 18 de fevereiro às 17:53 · Editado

Acho que deveria ter pensado nisso antes de abrir as pernas sem se prevenir querida. Não coloque suas frustrações em cima de uma criança que não tem haver com isso. Você é uma ridícula, irresponsável...

Curtir 665 · 16 de fevereiro às 17:39

Seu filho vai se decepcionar quando crescer e souber disso. Vai ter vergonha da mãe horrorosa e vazia que você é.

Curtir 653 · 16 de fevereiro às 23:48

Minha filha, vc precisa de um tratamento psicológico. Vc não está bem mesmo! Se agora que o bebê não dá trabalho algum (falo com propriedade pq tenho um bebê de 40 dias) e ele não dá mesmo trabalho, o máximo que acontece é ele ficar a madrugada acordado. Ser mãe é a melhor coisa do mundo. Se vc não gosta de ter trabalho ou de sacrificar, use as camisinhas ou tomasse remédio. Já que vc é tão fodona, deveria no mínimo se prevenir. Tenho pena do seu filho, um bebê tão inocente que precisa de vc pra tudo, ter uma mãe com esse pensamento. Vc é egoísta e fria. "Esse bebê cinza"? Oi? É o seu filho porra! Nem uma cachorra que acabou de ter filhotes reage da forma que vc reage com relação ao seu filho. Vou orar muito por vc pra Deus tocar o seu coração e fazer vc uma boa mãe. Pq sinceramente? Seu filho não merece isso. Criança alguma merece isso. Que Deus abençoe vc e seu filho.

Curtir 635 · 16 de fevereiro às 18:03

Gente, ser difícil eh diferente de ser ruim. Falar q viu um bebê cinza e o mais feio de todos... Pelo amor de Deus! Maternidade não eh pra qualquer uma... Eu tenho pena de uma pessoa que se refere a maternidade assim... Mas o motivo está bem lá... Não lava uma louça, uma roupa, não faz nada em casa... Ou seja, mimada, ridícula. Dê graças a Deus que o filho dele nasceu cinza e não roxo (cianótico), que nasceu chorando e não sufocado. Esse bebê têm muita sorte, sou feliz por ele ser perfeito, pq se ela acha td isso assim, imagina se ele fosse especial como o meu filho ou como essas crianças com microcefalia e etc?! Preconceituosa. O momento da amamentação, por mais que doa, eh para ser feito com amor... Não com essa cara que ela tah fazendo. Eh o seu momento de transmitir amor... Eu fiquei 35 dias tentando tirar naquela bomba horrível nem q fosse um pingo de leite para dar ao meu filho naquela UTI e essa vaca reclamando. Deuuuuusss

Curtir 585 · 20 de fevereiro às 08:28

Não penteia o cabelo, mas ficou um tempão escrevendo textão, com um bebê de 40 dias. Parece uma garotinha mimada, que sempre teve tudo do jeito que quis e de repente tem um outro ser que depende dela, e é quem dá as ordens agora. De repente o que falta é menos ajuda. Vc ter que se cuidar, cuidar dele e da sua casa.

Curtir 758 · 16 de fevereiro às 23:02

Na verdade, mais uma em depressão. Virou moda usar a expressão "maternidade real" como se "ser mãe" fosse obrigatório não ter mais um corpo legal e ter que reclamar de tudo. Fui mãe aos 21, no meio da faculdade. Levei meu filho durante 1 ano pra sala comigo pra conseguir o bendito diploma. Acordava de 2 em 2 horas até 1 mês atrás pra amamentar (sim, amamentei até 2 anos e 2 meses), sou dona de uma empresa o que me ocupa ainda mais o tempo e me enche ainda mais de responsabilidade. Moro numa cidade sem NENHUM parente. Nem meu bem do meu "marido". "Mas vc tem marido pra te ajudar". Sim! Tenho!!! E ele também ralou! Mudou o turno da faculdade, arrumou um emprego de 9 as 20:00, trabalha comigo na minha empresa... cara, fácil não é mesmo! Mas me falar que "detesta ser mãe"... pelo amor de Deus... Só quem realmente é mãe sabe o quão absurdo isso soa, o quão contrário é "odeio ser mãe" e "amo meu filho". Amar envolve muito mais do que sentir afeto. Se não fosse as malditas noites sem dormir eu nunca comemoraria meu filho aprendendo a dormir sozinho, se não fosse as malditas milhões de fraldas, eu nunca me sentiria tão orgulhosa de mim e do meu filho porque desfraldado ele antes de 2 anos... de verdade... Um opinião de uma mãe real aqui (que não só pariu, mas virou mãe): ser mãe é quebrar todos os protocolos, é atingir o nível máximo de um ser humano, o nível máximo que alguém pode amar. Dói muito ler isso, de verdade. Falo como mãe e como filha.

Curtir 705 · 16 de fevereiro às 21:41

Traduzindo... depressão pós parto! Daqui a pouco passa nega... vai tomar maracujina... aproveita q vai ficar calminha e passa no posto pra pegar camisinha!

Curtir 610 · 17 de fevereiro às 00:02

Acredito que você foi totalmente infeliz nos seus comentários, se contradiz demais querida, não existe odiar ser mãe e amar seu filho. Como seria isso? Você faz da pros outros criarem e ama de longe? Pq se vc não sabe cuidar de uma Pessoa que precisa de você ,pq foi mãe ? Você precisa de tratamento, a maternidade não é um mar de rosas , mas não é esse inferno que você retrata. Procure tratamento !

Curtir 607 · 16 de fevereiro às 23:43

Nossa me deu até vontade de chorar vendo esse bebezinho mamando, tão indefeso, tão puro, mal sabe o que sua "Mãe" pensa dele.... Cada vez que eu volto pra rler o texto me da mais raiva dessa mulher, e dessas q defendem também. Não é possível, mãe que é mãe não pensa assim... O amor que eu sinto pela minha filha superou e supera qualquer dor, qualquer problema.... Não consigo entender como essa mulher e outras possam pensar assim 😞😞

Curtir 578 · 17 de fevereiro às 02:20 · Editado

Fonte: Página do facebook de Juliana Reis, acessado em 08/06/2016:

<https://www.facebook.com/julianareis.vieira/posts/1030225017048706>

Anexo 3 - Comentários POSITIVOS Mais Curtidos (Juliana Reis).

 O facebook se tornou o local aonde só existe mães fodásticas, mulheres maravilhas , casamentos perfeitos , felizes para sempre
E se vc expõe sua verdade vc é crucificada de cabeça pra baixo !
Concordo com 80% do texto ,se mãe é muito difícil sim !
Chega de tanta hipocrisia !
Chega de mentir é tentar mostrar uma coisa que não sente
Julgam a meninas sem saber seus motivos
Ela ama seu filho
Simplesmente não ama os momentos de dor , noites sem dormir , bico do peito em carne viva ...
Vamos saber interpretar um texto gente
Leia e leia até entender
Curtir -  1.029 - 17 de fevereiro às 00:22

 Parabéns pelos minutos de coragem insana!
Falou o que muitas mães querem falar, porem não se expõe justamente para não receberem criticas.
A gravidez foi sua, o filho é seu e graças a Deus que a opinião também é sua!
Nao percebi desprezo ao falar do seu filho e em momento algum repudiou ele, simplesmente jogou o ônus e bônus da maternidade.
O que vejo é um monte de gente hipócrita julgando suas palavras, mas que as vezes odeiam sentir dor. Afinal, alguém gosta?
Ai vem jogar a esmo que a maternidade é 100% boa? Naoooo, sentir dor não é bom. Bom é ter seu bebe ali sorrindo, saudável e feliz.
E nao é pq vc falou a SUA verdade sobre a maternidade que vc nao quis ou nao quer ser mae. A sociedade cria muitos padrões que de fato são surreais e levam como verdade, mas nao, não é!
Parabéns por sua coragem!!!!
Curtir -  614 - 17 de fevereiro às 01:23

 Eu hein, não entendi o que vcs tão julgando... Ela não tem nada contra o filho, pelo contrário... Diz que o ama. O que não suporta é essa ideia de que ser mãe é maravilhoso, perfeito e lindo. Relato mais que sincero e direto. Tã de parabéns por ter coragem de falar o que sente.
Curtir -  613 - 16 de fevereiro às 21:51

 A ta bom, varias DIFERENTONAS criticando a menina que apenas quer mostrar qie ser mãe não é aquele "mar de rosas " que dizem . Ela foi clara ao dizer que ama o filho , certamente é uma boa mãe. ... O que ela nao gosta e do cansaço ,do povo intrometido, das dores ,das noites sem sono ,dos medos e tudo que vem junto e não nos falam !!! Acho que todas nos em algum momento ja passou por isso !!! E homens que criticam , desculpem , mas vocês por mais que tentem se esforçar para ajudar (a minoria) não sabem o que realmente é ser mãe!!!
Curtir -  551 - 16 de fevereiro às 21:54

 Ela só está desconstruindo o mito da maternidade como algo maravilhoso. Deixou claro que ama o filho e tenho certeza que tem prazer em ser mãe nos momentos que sao prazerosos. Não reforçou isso pq a Idéia eh se contrapor a essa lógica e não reafirma-la. Ninguém vai deixar de ser mãe ou passar a ser por ler ela. O Facebook é espaço pra isso. E ela tem liberdade plena de se colocar. Parabens, mãe, por expor também os lados negativos, que como tudo na vida tb existem.
Curtir -  510 - 16 de fevereiro às 23:55

 Em momento algum ela diz que engravidou sem querer ou por mero descuido. Ela engravidou porque é mulher e Pq Quis! Mas gente, ela não gostou da EXPERIÊNCIA! Mas ama o filho! As pessoas têm uma mania irritante de ler e interpretar coisas que não existem. O fato dessa mulher não gostar de ser mãe não é a mesma coisa que não gostar do filho. E ela tem todo o direito de relatar sua ótica sobre a maternidade sem ter que ler coisas sobre "abrir as pernas", " deixou gozar dentro"!!! Somos mulheres e devemos nos respeitar primeiramente!
Curtir -  503 - 16 de fevereiro às 22:24

 Gente retardada! Gente hipócrita! Ela falou o que TODA mae, no seu intimo consciente de vergonha ja pensou! E concordo! Em momento algum isso significa que ela esta maltratando ou deixando de amar a criança, e sim desabafando a merda que é o inicio de uma gestacao, e recém chegado bebel! Quem falar que ela mente, olha pro seu telhado!
Curtir -  498 - 17 de fevereiro às 01:14

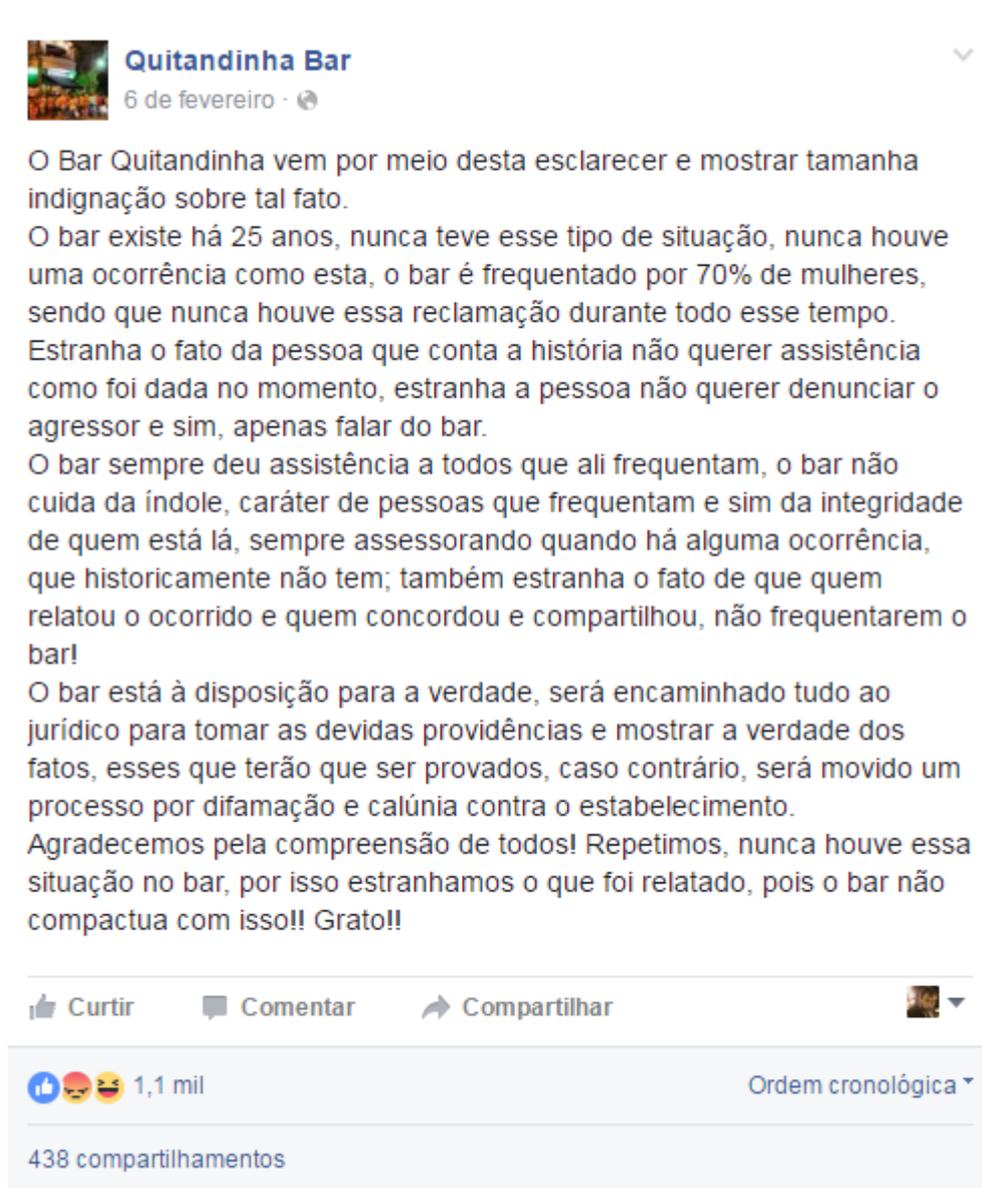
 Não entendo como as pessoas podem ser tão cruéis, e pior e ler comentário de mulheres que ao invés de dar algum suporte, só apedrejam! Pessoas, vocês deveriam se tratar. Ela não precisa de análise, terapia... VOCÊS precisam! Mais amor, por favor!!
Curtir -  469 - 16 de fevereiro às 22:28

 Bando de mulher hipócrita, a menina só disse a realidade dela. Se não é a de vocês parabéns. Mas ela tem o direito de ter a opinião dela!
Curtir -  469 - 16 de fevereiro às 20:33

 Não é depressão pós parto, é a realidade do pensamento de uma mãe com 40 dias pós parto.. É cansativo mesmo, mas se vc não tivesse nascido pra isso, vc não teria tido a oportunidade de conhecer essa vida. Foi muito difícil pra vc tudo isso, e pra mim foi também. Mas pra mim passou, finalmente passou. Hj são outras preocupações. Mas a felicidade, realização chegou. E eu AMO ser mãe! E passaria por tudo de novo, pq vale a pena sim e não sei viver sem minha filha! Fica tranquila que vc tbm vai se sentir assim..
Curtir -  462 - 16 de fevereiro às 23:50

Fonte: Página do facebook de Juliana Reis, acessado em 08/06/2016:
<https://www.facebook.com/julianareis.vieira/posts/1030225017048706>

Anexo 4 - Primeira postagem do Quitandinha Bar (Júlia Velo).



Quitandinha Bar
6 de fevereiro · 🌐

O Bar Quitandinha vem por meio desta esclarecer e mostrar tamanha indignação sobre tal fato.
O bar existe há 25 anos, nunca teve esse tipo de situação, nunca houve uma ocorrência como esta, o bar é frequentado por 70% de mulheres, sendo que nunca houve essa reclamação durante todo esse tempo. Estranha o fato da pessoa que conta a história não querer assistência como foi dada no momento, estranha a pessoa não querer denunciar o agressor e sim, apenas falar do bar.
O bar sempre deu assistência a todos que ali frequentam, o bar não cuida da índole, caráter de pessoas que frequentam e sim da integridade de quem está lá, sempre assessorando quando há alguma ocorrência, que historicamente não tem; também estranha o fato de que quem relatou o ocorrido e quem concordou e compartilhou, não frequentarem o bar!
O bar está à disposição para a verdade, será encaminhado tudo ao jurídico para tomar as devidas providências e mostrar a verdade dos fatos, esses que terão que ser provados, caso contrário, será movido um processo por difamação e calúnia contra o estabelecimento.
Agradecemos pela compreensão de todos! Repetimos, nunca houve essa situação no bar, por isso estranhamos o que foi relatado, pois o bar não compactua com isso!! Grato!!

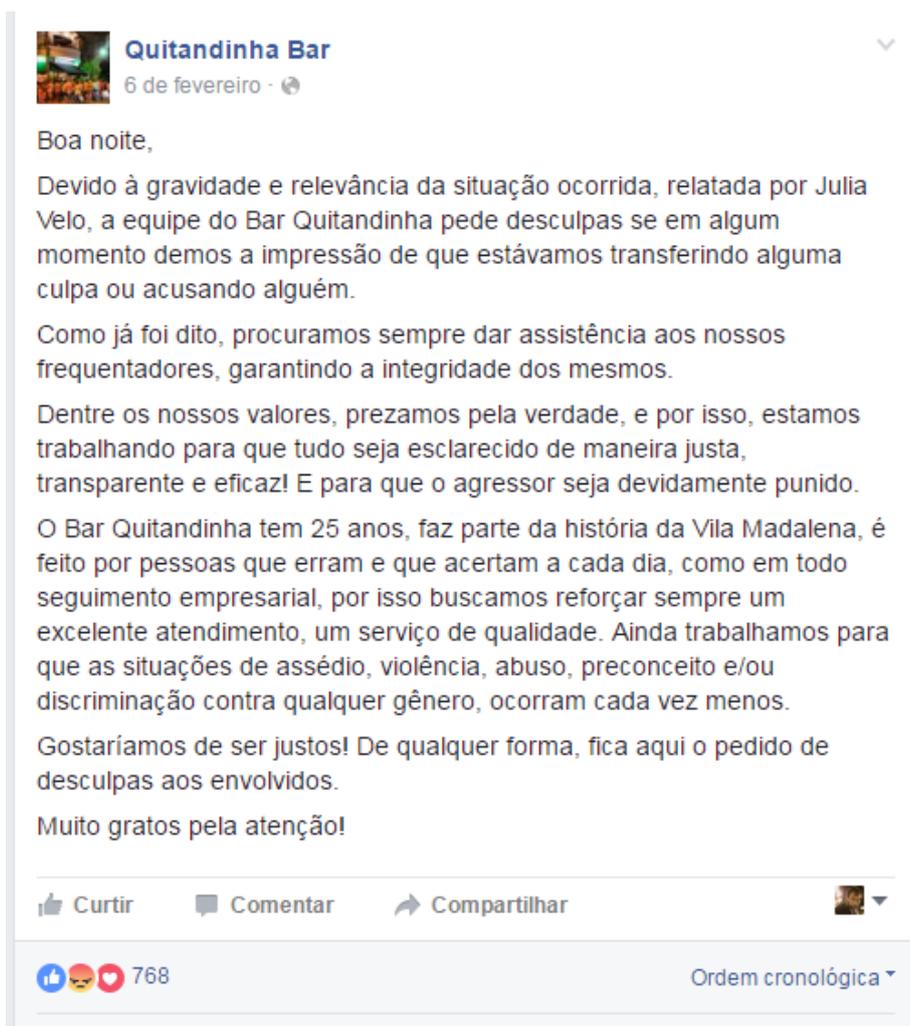
👍 Curtir 💬 Comentar ➦ Compartilhar

👍 😂 🤔 1,1 mil Ordem cronológica ▾

438 compartilhamentos

Fonte: Página do Quitandinha Bar, acessada em 11/06/2016:
<https://www.facebook.com/Quitandinha-Bar-339947812719370/>

Anexo 5 - Segunda postagem do Quitandinha Bar (Júlia Velo).



The image shows a screenshot of a Facebook post from the page 'Quitandinha Bar'. The post is dated '6 de fevereiro' and is public. The text of the post is as follows:

Boa noite,

Devido à gravidade e relevância da situação ocorrida, relatada por Julia Velo, a equipe do Bar Quitandinha pede desculpas se em algum momento demos a impressão de que estávamos transferindo alguma culpa ou acusando alguém.

Como já foi dito, procuramos sempre dar assistência aos nossos frequentadores, garantindo a integridade dos mesmos.

Dentre os nossos valores, prezamos pela verdade, e por isso, estamos trabalhando para que tudo seja esclarecido de maneira justa, transparente e eficaz! E para que o agressor seja devidamente punido.

O Bar Quitandinha tem 25 anos, faz parte da história da Vila Madalena, é feito por pessoas que erram e que acertam a cada dia, como em todo seguimento empresarial, por isso buscamos reforçar sempre um excelente atendimento, um serviço de qualidade. Ainda trabalhamos para que as situações de assédio, violência, abuso, preconceito e/ou discriminação contra qualquer gênero, ocorram cada vez menos.

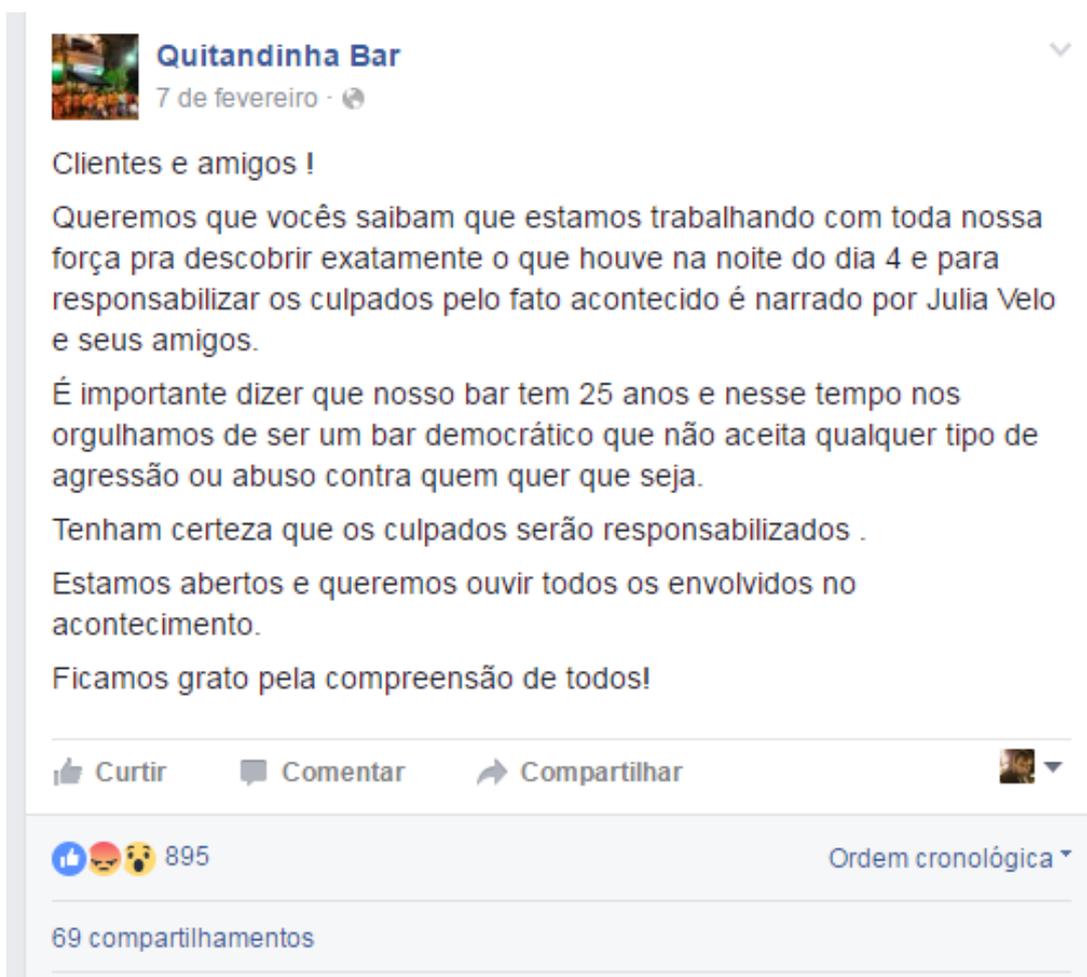
Gostaríamos de ser justos! De qualquer forma, fica aqui o pedido de desculpas aos envolvidos.

Muito gratos pela atenção!

Below the text, there are interaction buttons: 'Curtir', 'Comentar', and 'Compartilhar'. At the bottom, it shows '768' reactions and the sorting option 'Ordem cronológica'.

Fonte: Página do Quitandinha Bar, acessada em 11/06/2016:
<https://www.facebook.com/Quitandinha-Bar-339947812719370/>

Anexo 6 - Terceira postagem do Quitandinha Bar (Júlia Velo).



The image shows a screenshot of a Facebook post from the page 'Quitandinha Bar'. The post is dated '7 de fevereiro' and is public. The text of the post is as follows:

Cientes e amigos !

Queremos que vocês saibam que estamos trabalhando com toda nossa força pra descobrir exatamente o que houve na noite do dia 4 e para responsabilizar os culpados pelo fato acontecido é narrado por Julia Velo e seus amigos.

É importante dizer que nosso bar tem 25 anos e nesse tempo nos orgulhamos de ser um bar democrático que não aceita qualquer tipo de agressão ou abuso contra quem quer que seja.

Tenham certeza que os culpados serão responsabilizados .

Estamos abertos e queremos ouvir todos os envolvidos no acontecimento.

Ficamos grato pela compreensão de todos!

Below the text, there are interaction buttons: 'Curtir' (with a thumbs up icon), 'Comentar' (with a speech bubble icon), and 'Compartilhar' (with a share icon). To the right of these buttons is a small profile picture of a person. Below the interaction buttons, there is a summary of reactions: '895' reactions, with icons for 'like', 'love', and 'wow'. To the right of the reaction count is a dropdown menu labeled 'Ordem cronológica'. At the bottom of the post, it says '69 compartilhamentos'.

Fonte: Página do Quitandinha Bar, acessada em 11/06/2016:
<https://www.facebook.com/Quitandinha-Bar-339947812719370/>

Anexo 7 - Comentários NEGATIVOS Mais Curtidos (Júlia Velo).

-  Será que rolou preconceito por causa de um guardanapo? Não sabia que tinha câmeras no bar né? Se não tinha pedido você mesmo pra utilizar as imagens kkkkkkkjjjjjjjj Agora segura os processos. Que os acusados processem também! Ainda dou a dica, podem processar por racismo, já que ela quis acusar falsamente de machismo.
Curtir ·  693 · 16 de fevereiro às 16:10
-  o vídeo mostra duas coisas:
1- sim, você foi perturbada e assediada por dois completos babacas
2- sim, você mentiu pra caralho no seu depoimento parabéns.. da próxima vez tente não perder a razão sendo mais uma tonta histérica
Curtir ·  675 · 16 de fevereiro às 18:16
-  Que vergonha hein, mentindo para prejudicar um estabelecimento.
Você até pode ter sido xingada ou qualquer coisa do tipo, mas diversos pontos do texto se mostraram mentira.
Torce pro bar não te processar 
Curtir ·  531 · 16 de fevereiro às 01:22
-  O vídeo tá editado, não tem áudio, hora, data, mas mostra exatamente a NAO presença da Julia quando chegaram os policiais... opssssss! O guarda napolitano tem toda a culpa, tadinho... ridículo. É esse tipo de feminazi que estraga toda a leva de mulheres que SABEM ser feministas... o cara n pode se dirigir a nenhuma mulher agora que é assédio? Pelo amor de deus. A Julia filhinha de papai devia assumir que tava bem loka e exagerou um pouquinho só. Ridículo.
Curtir ·  488 · 16 de fevereiro às 17:43
-  Mitomaniaca = Pessoa que mente e de tanto contar, acaba acreditando na própria mentira. Lamentável!
E como fica o prejuízo do estabelecimento graças a todo esse mimimi inventado?
Curtir ·  400 · 17 de fevereiro às 08:16 · Editado
-  To só vendo a hipocrisia feminista de quem se esforçou tanto pra denegrir o bar e agora que o jogo virou, tão defendendo a Julia com esse papo de 'ninguém é juiz aqui pra tirar conclusões sem provas irrefutáveis'
Vcs são lixos!
Curtir ·  376 · 16 de fevereiro às 17:41
-  Ahh o vídeo não tem validade nenhuma nem prova nada.
Uma fanfic no Facebook sem nada pra sustentar oq foi dito (e onde muitos trechos se revelaram mentirosos) é que tem que ser levada a sério.
Na moral, vcs precisam de tratamento psiquiátrico URGENTE, suas feministas desmioladas!
Curtir ·  372 · 16 de fevereiro às 17:57
-  Daqui a pouco não posso nem espirrar sem isso ser interpretado como assédio sexual, moça para tá feio..... Quanto vitimismo em pqp, depois de ver o vídeo ler a matéria, chego a conclusão que....
Que não passa de uma oportunista do caralho desesperada por atenção (parabéns vc conseguiu) com tendência a alto vitimismo, e generalização e distorção dos fatos ocorridos, para o vídeo é bem claro.
Vc se acha feminista hahahahahahahaahahahaoo vc que envergonham o real intuito e razão dos movimentos feministas, nojo de vcs feminazis vitimistas de merda
Curtir ·  361 · 16 de fevereiro às 15:55 · Editado
-  O vídeo é nítido filha... apaga o "texto" mentiroso enquanto ainda dá tempo! Ainda tem gente aqui que finge que não vê... olha quantas incoerências entre o que ela disse e o que realmente aconteceu... Vou virar frequentador assíduo da quitandinha, e ainda apoiado pelas minhas amigas que me fizeram conhecer a verdade através da postagem do vídeo, amigas, que não ficam se defendendo por movimentos, mas sim pela verdade!
Curtir ·  349 · 16 de fevereiro às 11:19
-  Hahaha a crise tá feia aí no Brasil vai ter gente tentando não pagar conta de bar de todas as maneiras essa foi a primeira! É esse o problema do Brasil o brasileiro quer falar de política feminismo e tudo mas esta sempre tentando dar um jeitinho! Essa tinha que ser presa por calúnia e difamação para ser exemplo para as próximas espertinhas coitadinhas e vítimas da falta de vergonha na cara! Acorda Brasil! Ela quer fama coloca ela em capas de jornais e revistas sendo presa ela vai ter a fama merecida!
É a Geyze Arruda fazendo escola se esse é o nome certo da vagabunda!
Curtir ·  345 · 17 de fevereiro às 03:59 · Editado

Fonte: Página pessoal de Julia Velo, acessada em 11/06/2016:

<https://www.facebook.com/julia.velo/posts/1027796097294719>

Anexo 8 - Comentários POSITIVOS Mais Curtidos (Júlia Velo).

 Eu acho que a gente devia juntar uns 500 viados e ir lá assediá os clientes homens para ver se eles agem dessa forma!
Curtir ·  328 · 6 de fevereiro às 08:39

 Parabéns ao gerente do Quitandinha, que não soube tratar 2 pessoas de maneira decente e agora está super popular no Facebook com 66.000 pessoas que te conhecem (número de likes até o momento)! Sr. Gerente, vc é bom de contas? Então calcula aí o quanto valeu acorbertar dois clientes da casa e o quanto deve diminuir sua demanda. E imagem da marca, melhorou? Para te ajudar no cálculo, eu costumava frequentar aí e não pretendo voltar.
Curtir ·  308 · 6 de fevereiro às 15:41

 Julia, tudo bem?! Eu, meu noivo e meus primos estávamos ontem no bar e vimos que algo aconteceu, mas não entendemos nada. Mas depois do seu relato, eu sei exatamente quem são os dois homens q assediaram vcs. Que nojentos! Esses dois homens estavam olhando para mim, bem na frente do meu noivo. Eu ate comentei com ele. Se vcs tivessem gritado bem alto, com certeza iríamos ajuda-las. Vcs tem todo meu apoio!! Grande bjo, fiquem bem!!!!
Curtir ·  251 · 5 de fevereiro às 20:13 · Editado

 Moça, não te conheço, mas esse tipo de coisa só da vontade de pedir desculpas por ser homem em meio a babacas (animais, lixos, idiotas...) como esses 😞
Curtir ·  238 · 6 de fevereiro às 09:48

 Só uma coisa: vocês têm a obrigação de oficializar essa reclamação por meio de BO. As reportagens sobre o caso citam que nenhuma das partes ainda prestou queixa. Isso realmente precisa ser feito. Precisava ter sido feito de qualquer jeito e desde o início. Compreendo que a atitude no geral conivente de policiais homens intimida. Mas mesmo assim deve sempre ser enfrentada. Agora porém com o amplo apoio recebido por vocês, penso que vocês tenham a obrigação moral de fazê-lo. Esse é um grande exemplo que poderá ser usado de forma positiva: é tempo de aprender que abuso moral e misoginia saem caros, pois a sociedade não tolera mais isso.
Curtir ·  195 · 8 de fevereiro às 14:22

 Antes de atirar a primeira pedra na Júlia, lembre-se que o vídeo mostra o assédio do rapaz de bonê, pegando o copo de cerveja da mesa delas.
Antes de atirar a primeira pedra na Júlia, atente-se ao fato de que o vídeo publicado pelo bar não mostra os horários e é cortado cada vez que salta para a imagem do post dela.
Antes de atirar a primeira pedra na Júlia, note como duas mulheres ainda não podem tomar sua cerveja em paz em um bar numa das maiores metrópoles do mundo.
Antes de atirar a primeira pedra na Júlia, pense que se fossem dois homens tomando sua cerveja, quais seriam as chances de uma mulher chegar pegando o copo da mesa deles.
Antes de atirar a primeira pedra na Júlia, tente compreender o que é a cultura do assédio no Brasil e como isso se intensifica durante o mês do Carnaval.
Antes de atirar a primeira pedra na Júlia, lembre-se que você está no perfil do Facebook de uma pessoa, com rosto, nome, sobrenome e endereço. Mais que isso. Que se trata de uma mulher.
Antes de atirar a primeira pedra na Júlia, lembre-se que o outro lado não tem face ou assinatura pessoal, que é um bar, um cnpj, que não corre o risco de ser agredido na rua.
Antes de atirar a primeira pedra na Júlia, lembre-se que você não estava lá. Que isso aqui não é um tribunal. É que se fosse, os procedimentos não seriam medievais.
Curtir ·  209 · 16 de fevereiro às 12:31

 Mana tirei print de todos os posts feito pelo bar sobre o ocorrido...além deles serem machistas escrotos ainda podem ser processados por calúnia pelo fato de lhe chamar de mentirosa no post...vamo fazer barulho
Curtir ·  194 · 7 de fevereiro às 14:40

 O vídeo postado pelo bar não comprova nada. A única coisa que eu vi no vídeo diferente do que foi relatado no texto da Julia foi o fato de que quem a retirou do bar foi um amigo e não o segurança, o que também não anula todo o resto do texto. Obviamente a menina estava sob forte pressão emocional, como fica claro no vídeo.
Em primeiro lugar, o vídeo é editado conforme os interesses do bar. E claramente as legendas são tendenciosas.
Além disso, dá pra ver bem o tanto que os caras estavam alterados, apontando os dedos na cara da menina. Só isso já era motivo pros dois terem sido expulsos do bar.
Dá pra ver também o segurança quase abraçado com um dos caras.
Outra coisa, o fato da Julia não ter feito BO não quer dizer nada, já que todos os dias muitas mulheres sofrem agressões bem piores, muitas vezes dentro das próprias casas, e também não fazem BO. E nem por isso elas concordaram em ser agredidas.
Se realmente o Quitandinha fosse contra o assédio, teria usado as imagens do vídeo pra mostrar quem são os agressores e não pra culpar quem foi agredida.
É o velho jeito bizarro e machista de culpar a vítima e não o agressor.
Curtir ·  181 · 16 de fevereiro às 11:09

 A página do Quitandinha tá linda! Cheia de reclamações ao bar e apoio às meninas. Sugiro que a gente escreva tb no TripAdvisor. Machistas nao passarão. Nojo de lugar! Mto obrigada por compartilhar, Julia.
Curtir ·  176 · 6 de fevereiro às 18:30

 Me desculpem, mas deveriam ter feito o BO, nem que fosse só pra dar trabalho e causar constrangimento aos agressores. Infelizmente, as vítimas têm culpa pela impunidade, porque não denunciam e, assim, não submetem seus agressores à justiça. Óbvio que não é a coisa mais agradável do mundo, num momento traumático. Mas não denunciar e não seguir com os procedimentos legais é um erro. Mais que um erro, é um desfavor com o resto das mulheres pois, certamente, eles farão de novo e talvez até pior. As redes sociais ajudam a denunciar o estabelecimento, mas não fazem nada contra os agressores que sequer foram identificados.
Curtir ·  170 · 7 de fevereiro às 21:09